

Rev. Haraldur Nielsson

Professor de Teologia na
Universidade da Islândia

O Espiritismo e a Igreja



**Constable - Cirros
(Estudo das Nuvens na Primavera)**



Conteúdo resumido

O Reverendo Haraldur Nielsson foi um eminente pastor protestante islandês. A ele foi confiada, pela Sociedade Bíblica Inglesa, a tradução do Antigo Testamento em islandês. Foi também professor de Teologia na Universidade de Reykjavik.

A presente obra reúne três conferências feitas pelo autor a propósito de suas pesquisas psíquicas, levadas a cabo durante anos, sobre os fenômenos supranormais. Suas pesquisas tiveram o intuito de demonstrar que o fenômeno espírita é uma realidade, que os espíritos desencarnados comunicam-se com os seres humanos, no nosso plano material.

Observa-se ao longo da obra o estreito relacionamento existente entre a filosofia espírita e os ensinamentos do Evangelho. O autor cita, inclusive, em várias passagens do Novo Testamento, a ocorrência de fenômenos mediúnicos hoje explicados à luz do Espiritismo.

Mesmo sofrendo ataques e perseguições do clero protestante, do qual ele próprio era integrante, o Rev. Nielsson nunca abandonou suas convicções e seu trabalho em defesa da realidade dos fenômenos espíritas.

Prefácio da edição alemã

Haraldur Nielsson nasceu em 1868 na Islândia. Estudou seis anos em Copenhague e, em seguida, muitos anos ainda em Halle, na Alemanha, e Cambridge, na Inglaterra.

Quando regressou ao seu país natal, a Sociedade Bíblica Inglesa confiou-lhe a tradução do Antigo Testamento em islandês, trabalho difícil que executou em nove anos só com o auxílio dos seus conhecimentos. Foi, em seguida, professor de Teologia em Reykjavik, onde exerceu mais tarde as funções de coadjutor na Catedral.

Uma moléstia na garganta obrigou-o a abandonar esse cargo, depois do que foi, novamente, professor no Seminário.

Em 1911 foi-lhe dado o cargo de professor regular na Faculdade de Teologia da Universidade de Reykjavik, então criada. Os seus dotes de orador levaram-no a ocupar-se ativamente das prédicas. A remuneração desse cargo foi feita com contribuições voluntárias.

Fundou em 1918, com o escritor Kvaran e o médico alienista Svensson, uma “Sociedade de Estudos Psíquicos” que contava então várias centenas de membros e publicava um periódico.

As três conferências e o posfácio que aqui estão traduzidos têm, antes de tudo, o valor de uma narração simplíssima e profundamente emocionante, a qual está destinada a tornar pensativo aquele que traz um riso zombeteiro nos lábios ou mesmo a arrefecer a cólera de um coração indignado diante das perspectivas que aqui se esboçam.

Ninguém pode contestar que o autor seja, pela abundância das experiências que fez, um dos melhores conhecedores da mediunidade que temos tido. Lamentamos que ele não tenha ido mais longe ainda na narração de certos fatos que presenciou. Pode-se discutir com ele a propósito da significação de certos detalhes ou do valor de tal ou qual passagem do Novo Testamento; resta, em todo caso, a impressão dominante de uma personalidade ricamente dotada, cujas experiências e suas condições conduzem à certeza de que este mundo dos sentidos

não é senão uma parcela da grande realidade divina e que, depois da nossa morte, nos será dado conhecer muito mais do que esta pequena parcela.

Como falta aqui, na Alemanha, uma apreciação leal da parapsicologia animista e espírita, será, certamente, de grande interesse ouvir este apologista de coração entusiasta exprimir-se na língua alemã.

Que juízos limitados fazem ainda aqui a respeito do Espiritismo! Por exemplo, a maneira injusta, odiosa, com a qual na obra de G. F. Nagel, *Os caminhos do reino dos Espíritos* (Hamburgo, 1925) se nos apresentam os espíritas como ateus, imorais, possuídos por espíritos do mal! O autor (na página 31) parece mesmo decidido a jogar uma falsa cartada quando escreve esta frase: “Segundo as estatísticas mais recentes, 60% dos internados em vida, nos asilos de alienados, são antigos espíritas”. Felizmente faltam as provas dessa afirmativa e ignoramos mesmo em quais países se podem arranjar tais estatísticas. Que podemos compreender pelo termo “internado em vida” numa estatística de casa de saúde? Que nos seja permitido duvidar dela.

Eu queria fazer observar que, segundo a opinião publicada de um médico, chefe do muito importante asilo de alienados de Steinhof, médico que não é espírita, *a percentagem dos incuráveis, que foram outrora espíritas, atinge apenas a 5%.*

Dr. Richard Hoffmann
Professor na Universidade de Viena ¹

Prefácio do tradutor alemão

Como demonstrei, com precisão, na minha obra *Os mortos vivem* (Oswald Mutze, editor, Leipzig) a Ciência e a Igreja rivalizam-se, há séculos, no combate à realidade dos fenômenos ocultos; os médiuns, aos quais estão unidas tais manifestações, são tratados como impostores e considerados os investigadores como pessoas que se deixam enganar, porém, nos últimos setenta anos, sábios de reputação mundial, depois de estudos minuciosos, aceitaram a realidade desses fenômenos e, em conseqüência, círculos científicos e eclesiásticos começaram a reconhecer esses fatos maravilhosos.

Ambos os campos esforçam-se em explicá-los pelo animismo, como produtos da subconsciência ou do poder ideoplástico da alma do médium.

Hoje já não os negam, porém atacam, da maneira mais sistemática, a interpretação espírita, segundo a qual, em numerosos casos se manifestam as almas de pessoas mortas, desencarnadas.

Todos os animistas se sentem obrigados a confessar que, com a sua maneira de explicar, fica sempre um resíduo de fatos inexplicáveis, o que demonstra a insuficiência da hipótese animista. Os fenômenos ocultos não deixam resíduo algum quando, ao invés da explicação animista, se emprega a espírita.

Possuímos, atualmente, tal abundância de provas de identidade da manifestação e da comunicação de pessoas falecidas que a sobrevivência pode ser considerada como indiscutivelmente provada.

O talentoso cirurgião e professor Dr. Carl Schleich dizia que todas as grandes descobertas e invenções deviam afirma-se contra a Ciência e que para isso tinham necessidade de sustentar rude combate, pelo menos de quinze anos. Quando abrem passo mais rapidamente, dizia ele, não são senão descobertas sem importância.

Ao lado da Ciência, é a Igreja que mais violentamente combate o Ocultismo. É fato conhecido na História, diz o Prof.

Nielsson, que até as religiões opuseram a maior resistência cada vez que Deus quis que a Humanidade progredisse mais um passo. Atualmente os nossos adversários se vêm obrigados a reconhecer os fenômenos espíritas.

Não citarei mais do que o livro *Hipnotismo e Espiritismo*, do Prof. Lapponi, médico dos Papas Pio X e Leão XIII, e os escritos do professor de Teologia Dr. Ludwig,² porém esses fenômenos, se não os explica o animismo, tornam-se satanismo, obra do diabo. A conseqüência é que os espíritas desertam das igrejas e que, em muitos lugares, especialmente na Inglaterra e na América do Norte, começam a formar comunidades independentes. Existe aí um grande perigo. É por isso que se trata de conduzir o movimento espírita por caminhos mais seguros a fim de que não dê nascimento a nenhuma seita, mas, ao contrário, que consolide e desenvolva a nossa religião cristã.

É justamente por isso que o livro que apresentamos é uma obra de inestimável valor, pelo fato de provir de um eclesiástico e teólogo que é, ao mesmo tempo, um pesquisador ocultista de grande experiência.

O que ele diz, nestas linhas, da atitude hostil e combativa da Igreja na Dinamarca e na Escandinávia concorda em tudo com as nossas posições na Alemanha. Na Inglaterra e na América centenas de eclesiásticos, até nas igrejas mais importantes, confessam-se espíritas convictos, mas, nesses países de tão notável sentido prático, pode o movimento não conservar a sua pureza espiritual. O povo alemão parece-me estar especialmente indicado para levá-lo a bom termo, com o seu idealismo, o seu amor à verdade e o seu gosto pelas investigações. Que a Igreja reconheça a sua hora, que faça suas as verdades e as manifestações que o Ocultismo científico e o Espiritismo superior lhe oferecem. Esse movimento contribuirá para a regeneração e o aprofundamento do nosso Cristianismo e conduzirá a Humanidade fora dos laços do materialismo e do nacionalismo, para um conceito muito mais espiritual do Universo.

É com esse anelo que transmito ao leitor alemão a edição alemã desta obra cheia de valor. Para terminar é para mim um

prazer exprimir aqui o meu mais caloroso agradecimento a três pessoas que houveram por bem conceder-me o seu apoio, tão precioso, na edição desta tradução alemã: antes de tudo ao Professor Dr. Nielsson pela amável e desinteressada autorização de tradução que nos concedeu, bem como pelos informes minuciosos que nos deu por cartas; em seguida ao seu sobrinho, o Dr. Niels Dungal, do Instituto Patológico da Universidade de Gratz, pela revisão da tradução, e finalmente ao Prof. Dr. Hoffmann, pelo seu prefácio à edição alemã.

Dresden, julho de 1926.

Georg Henrich, Kreisbaurat a D. ³

Prefácio do tradutor brasileiro

Como salientaram o Dr. Richard Hoffmann e o Sr. Georg Henrich, o livro do Rev. Haraldur Nielsson é de excepcional importância não só para as pesquisas psíquicas, para a Teologia Bíblica sobre a qual projeta imensa luz, como também para o problema da morte, o mais importante problema da vida terrena.

Pouco podemos acrescentar às apreciações feitas; queremos, todavia, destacar o que escreveram sobre este livro, entre outras, duas altas personalidades do Espiritismo na Europa, cujo solo foi transitado pelo esclarecido teólogo de Reykjavik. São elas o Dr. Gustav Zeller, da Alemanha, e o Capitão Arnaldo Gomes Duarte, de Portugal.

O primeiro escreveu na *Zeitschrift fuer Parapsychologie*, nº de maio de 1928, o seguinte:

“A teologia alemã, pelo menos a protestante, ignora, com algumas exceções, o trabalho das pesquisas psíquicas. O dicionário de Teologia e de Ciências das Religiões: “*A religião na história e no presente*” (Editor Mohr, Tuebingen) mostra, em suas explicações ocultistas, assim na primeira como na segunda edição, uma ignorância verdadeiramente vergonhosa das pesquisas psíquicas (ver os artigos “*Ocultismo e Espiritismo*” na primeira e “*Superstição e Astrologia*” na segunda). Os teólogos protestantes poderão deixar-se iniciar nas investigações psíquicas por Nielsson e Hoffmann, investigações estas que vêm sendo feitas, há muito, nos círculos teológicos da Inglaterra”.

O segundo, na *Revista de Espiritismo*, nº de setembro-outubro de 1929, pág. 161, assim se exprime:

“A referida obra é, sem dúvida, um trabalho notabilíssimo e de um interesse que se torna desnecessário encarecer por provir de um eclesiástico eminente e professor catedrático de teologia de uma universidade”.

Haraldur Nielsson, o grande, o justo e iluminado teólogo de Reykjavik, Islândia, desencarnou a 12 de março de 1928, nessa cidade, em seguida a uma operação, tendo dele se ocupado notáveis vultos da imprensa espírita mundial.

Ao que sabemos, o conhecido violinista e psiquista alemão Florizel von Reuter, autor do livro *Psychical Experiences of a Musician* e colaborador de várias revistas européias, conta, na “*Zeitschrift fuer Parapsychologie*”, nº de 1930, que graças ao seu aparelho Aditor e à mediunidade de línguas de sua progenitora, obteve quatro mensagens do Rev. Nielsson, ao passo que, em número da *Light* do mesmo ano, aparecia a notícia de que William Hope, o médium fotógrafo de Crewe, o havia fotografado.

Paz e luz ao seu espírito, pelo muito que fazia pelo Espiritismo e pela Humanidade, e ainda por ter colocado a verdade acima da sua Igreja.

Rio de Janeiro, 28 de março de 1935.

Francisco Klörs Werneck

* * *

Nota:

Com a presente edição, este importante livro do Reverendo Haraldur Nielsson fica editado em 6 idiomas: dinamarquês (original), inglês, alemão, francês, espanhol e português.

A autorização para a edição brasileira foi concedida pela Sra. Adalbjorg S. Nielsson, viúva do autor, em carta datada de 23/09/1935, de Laugarnes, Reykjavik.

I

Minhas experiências espíritas

Os estudos psíquicos são, efetivamente, a mais nova de todas as ciências.

É de admirar que isto seja verdade, porque o objeto dessas pesquisas constitui uma coisa muito importante para a Humanidade, especialmente para a nossa alma.

Com razão se poderia pensar que os homens não têm grande desejo de aprender algo de preciso, não somente sobre o seu corpo, mas sobre o seu verdadeiro *ego*, o seu *eu*, aquilo que pensa, sente e age.

Sabemos todos que o velho Sócrates fazia, no curso do seu ensino, uma espécie de *leit-motiv* destas palavras: “Conhece-te a ti mesmo”.

Mas, se a ciência médica nos ensina, de maneira admirável, a conhecer o corpo humano, não nos conhecemos, entretanto, a nós mesmos e isto durante tanto tempo que não sabemos se o *eu* – a consciência, ou a alma – pode existir sem o corpo terrestre.

Os psicólogos investigam, sempre, de que maneira o espírito ou a consciência funciona no corpo, mas não explicaram ainda se a consciência, liberta do corpo ou sem ele, subsiste e se sobrevive à morte, à separação do corpo.

Quando esta pergunta necessita de uma resposta, eles se refugiam no silêncio ou então dizem o que disse, um dia, o meu velho professor de Psicologia, Harald Hoffding, o célebre professor dinamarquês: “Veremos! Nossa própria morte nos trará a resposta”.

Desejamos, portanto, saber alguma coisa antes dela e, se muitos psicólogos parecem estar ainda cegos, um caminho seguro já foi encontrado, o qual nos levará a conhecimentos bem mais interessantes do que os descobertos até aqui pelos psicólogos.

Foram os “simples” espíritas que, verdadeiramente, indicaram este caminho. Desde então, há anos vêm eles

anunciando aos homens: “Descobrimos algo de novo, algo de maravilhoso. Podemos entrar em comunicação com o mundo invisível, podemos conversar com os nossos caros mortos que vivem no Além uma vida mais elevada do que a nossa!”

Foi então que se iniciaram as investigações psíquicas.

Os primeiros pesquisadores psíquicos, na sua maior parte, foram cépticos, senão mesmo adversários renitentes do Espiritismo, porém todos aqueles que, verdadeiramente, aprofundaram a questão, não em algumas semanas ou alguns meses, mas numa série de anos, ficaram *todos* convencidos da realidade dos fenômenos e *muitos* dentre eles da possibilidade de entrar-se em relação com os seres inteligentes de um mundo que nos é invisível e, em particular, com os nossos mortos queridos.

Estes têm o desejo fervoroso de demonstrar-nos a sua sobrevivência, de trazer-nos consolo e conforto, de ofertar-nos conhecimentos mais extensos sobre os maravilhosos caminhos que nos conduzem a Deus e sobre a magnificência da criação.

Tudo isso, que constitui o objeto das pesquisas psíquicas, é tão desconhecido do povo que é a coisa mais natural do mundo exigirem-se as mais severas provas. Por isso é natural ouvi-lo perguntar: “Que aprendestes? Vistes os pretensos fenômenos espíritas com os teus próprios olhos? Como Tomé, o incrédulo, sentiste e apalpaste-os com tuas próprias mãos?”

A experiência é bem a grande mestra dos homens. Todos podem ter idéia de um país montanhoso se leram alguma coisa a respeito, mas só depois de o terem visto, de o terem percorrido, é que dele nos dão uma notícia mais completa. Quem conhece melhor a montanha é o que nela nasceu, cresceu e nela viveu longa vida.

Acontece o mesmo nas investigações psíquicas. Podemos aprender muito nos livros, mas somente pela experimentação e pesquisas tenazes e variadas é que possuiremos conhecimentos mais perfeitos sobre essas questões. Há 17 anos que comecei as minhas investigações e a experiência que adquiri durante esses anos é coisa única que me confere o direito de fazer estas conferências. Se não tivesse a experiência de tantos anos, na qual me posso apoiar, não teria a ousadia de falar de tão importante

questão. Creio que cometem um grande erro os homens que se pronunciam sobre coisas que não conhecem, ou somente do ponto de vista da opinião preconcebida, porque correm assim o grande risco de trabalhar contra o espírito da verdade.

E eu creio que, mais ainda, em nossos dias, o fazem, não somente muitos homens ignorantes na grande multidão, mas até mesmo pretensos sábios que são, talvez, extraordinariamente insignes na sua especialidade, mas crêem falsamente que essa especialização lhes permite pronunciar-se sobre coisas que jamais presenciaram e que, na realidade, ignoram.

De tempos em tempos, tais indivíduos falam e afirmam coisas com uma arrogância tal que só pode espantar-nos.

Eles estão, na verdade, tão cheios de preconceitos quanto essa espécie de religiosos que se opõem a tudo o que, na sua opinião, contradiz a dogmática tradicional.

Se lhes devo falar acerca de minhas experiências pessoais no domínio psíquico, mister se faz compreender que, nesta conferência, não posso citar senão alguns exemplos, visto que tudo o que assisti, em muitos anos, não pode ser relatado num curto espaço de tempo.

De outro modo, seria obrigado a fazer uma série de conferências.

Iniciamos as nossas investigações psíquicas na Islândia, no outono de 1904. É ao escritor Einar H. Kvaran que o devemos, mas ele não sabia bem como se devia organizar uma sessão, porém felizmente uma dinamarquesa, mulher de letras, de passagem por Reykjavik, nos ensinou como devíamos formar o que se chama um círculo espírita.

A princípio não fiquei muito encantado com o resultado obtido. Eu era céptico e cheio de objeções que aumentaram dois meses depois. Deixei o círculo, não querendo assistir a coisas tolas. Tive-lhes até aversão. A verdade é que o círculo não havia ainda descoberto um verdadeiro médium; porém, alguns meses depois encontramos um, bem dotado de poderes mediúnicos.

Meu amigo escritor falou-me sobre ele e eu senti que se me despertava, de novo, a curiosidade. Pedi para fazer, novamente, parte do círculo.

Logo na primeira sessão com o médium, tive oportunidade de observar algo que me causou grande surpresa. Foi uma grande prova de identidade.

Desde então, interessei-me pelos estudos psíquicos muito mais do que por qualquer outra coisa deste planeta. E sei que assim será até a minha morte.

Esse médium é um moço de nome Indridi Indridasson, filho de pastores islandeses, o qual fora para Reykjavik a fim de fazer-se impressor.

Ele não ouvira falar antes dessas questões. Por acaso, se é verdade que existe algo que se possa assim chamar, ele fora visitar a família em cuja casa se realizavam as experiências. Era muito céptico e riu, a princípio, de todas essas coisas até que caiu em transe e começou a tomar parte na produção dos mais notáveis fenômenos.

Verificou-se logo que uma outra inteligência ou que outras inteligências agiam fora do médium.

Indridasson escrevia automaticamente. Perguntamos se ele era médium de incorporação. A mão respondeu que sim, mas que a sua mediunidade não estava bastante desenvolvida e que era com prudência que se devia pô-lo em transe.

Algun tempo depois, isto se produziu numa sessão, quando ele escrevia automaticamente. As mensagens que recebíamos eram assinadas: *Stulkan* (moça). O médium, que era moço e gostava de brincar, perguntou em tom de zombaria: “Quem és tu? Como te chamas, moça?”

O espírito deu-lhe uma pancada no braço e rapidamente escreveu: “Não debes zombar de mim...” e, em seguida: “Agora ele deve cair em transe”.

Perguntamos como devíamos assentá-lo e comportar-nos. A mão nos deu indicações precisas. Cinco minutos depois, caía ele em transe. Ficamos um pouco espantados, porém logo a mão escreveu mais claramente, como se a inteligência invisível, no

estado de transe, tivesse mais força sobre o organismo do médium.

A mesma entidade continuou a escrever. Ela nos comunicou que não havia necessidade de ficarmos ansiosos, pois que protegeria o médium e tudo correria bem. Permitiu que lhe fizéssemos perguntas, porém lhe pedimos que acordasse, logo que possível, o médium.

Finalmente ela acedeu, um pouco espantada de nossa ansiedade, tendo escrito ainda algumas frases e despertado o médium do seu transe mediúnico de meia hora.

O médium ficou muito espantado quando acordou, não podendo compreender o que se passara. Ele não se lembrava de nada desse sono, a não ser de uma moça que vira, a qual pretendia conhecê-lo.

Soubemos mais tarde quem era essa jovem e pudemos verificar a exatidão do fato.

Deveis considerar, meus senhores e minhas senhoras, que era a primeira vez que tal experiência se fazia na Islândia. Nenhum de nós vira, até então, um médium em transe.

A literata dinamarquesa não estava presente dessa vez, porém havíamos lido que não se deve realizar tais experiências sem um espírita experimentado ou pessoas acostumadas a essas coisas.

Podeis, deste modo, facilmente compreender a nossa ansiedade. Não foi senão uma fraca estréia, mas o profeta e o salmista nos lembraram de que não devemos “desprezar o dia dos fracos começos” ou “o dia do pequeno começo”, como diz a tradução norueguesa da Bíblia – mais correta do que a tradução dinamarquesa (Zacarias, cap. 4, vers. 10).

Devíamos obter fenômenos mais notáveis.

Durante o outono de 1905, a mediunidade de Indridasson se desenvolveu ao mais alto grau. Obtivemos incorporações, fora da escrita automática produzida em transe. Começaram, então, as levitações e os fenômenos luminosos. Não foram somente mesinhas que se levantaram, mas o próprio médium foi levantado até o teto do aposento.

Certa vez o sofá, sobre o qual o médium se achava deitado, levitou com ele em cima, em torno da mesa. Isso se produziu na minha casa, no aposento em que realizávamos, à noite, nossas sessões.

Estávamos sentados, é verdade, na obscuridade, mas, mesmo na penumbra, o médium não teria podido transportar o sofá, sobretudo por estar nele deitado. Este, muito docilmente, passou por sobre nossas pernas e pudemos tocar o médium. O sofá não feriu pessoa alguma e voltou ao lugar donde saíra, tudo como se a força inteligente, que dirigia essas levitações, pudesse ver muito bem na escuridão.

Não pudemos observar os fenômenos luminosos, que se produziam na obscuridade, pois enquanto eles se verificavam tínhamos os olhos no médium e conservávamo-nos em guarda.

Experimentamos, muitas vezes, a realidade do transe mediúnico, espetando, no escuro, o médium, com alfinetes, sem que ele pudesse ter o menor pressentimento do que íamos fazer, praticando-o, especialmente, em lugares mais sensíveis. Era como se tivéssemos espetado um pedaço de madeira.

Ele não se mexia. Entretanto, no estado de vigília o médium era tão sensível que se, sem o avisar, o picasse alguém no braço com um alfinete, ele corria dum extremo ao outro do quarto, soltando fortes gritos. Repeti várias vezes a experiência, a fim de ficar bem seguro disso.

Logo tornou-se hábito em nossas sessões sentar-se um de nós perto do médium e colocar-lhe os braços nas costas ou segurar-lhe uma das mãos ou mesmo ambas, quando se tratava de fiscalizar um fenômeno.

Desobriguei-me muitas vezes desse cuidado.

Os fenômenos luminosos começaram por línguas de chamas, de uma cor azul avermelhada.

Não víamos senão uma delas de cada vez, mas precipitavam-se uma atrás da outra, em vários lugares da sala. Certa noite, contei 58 delas.

Muitas vezes ouvíamos, ao mesmo tempo, uma curiosa detonação no ar, a qual era logo seguida de outra. Era muito interessante.

Mais tarde os fenômenos luminosos se desenvolveram ainda mais e quase toda a parede, por detrás do médium, ficou como um oceano de fogo, com desenhos característicos, semelhantes às malhas de uma rede.

Depois de algumas sessões, vimos uma forma surgir da luz. Foi então que começamos a ficar vivamente interessados.

Devo observar que um espírito-guia tomara a direção dos trabalhos. Foi, primeiramente, a jovem senhora do Além quem dirigiu as nossas experiências, como nos fora comunicado, auxiliada por uma inteligência masculina que se apresentava como avô do médium.

Essas duas inteligências ou espíritos-guias lamentavam não possuir bastante poder sobre o médium: ele não lhes obedecia bastante e elas tinham grande trabalho em protegê-lo contra espíritos muito menos evoluídos que se apoderavam da força psíquica que dele emanava.

De tempos em tempos, notava-se que o médium em transe se espantava diante de algo que ele chamava espíritos atrasados. Foi para impedi-lo que o novo espírito-guia tomou a direção dos trabalhos. Era muito enérgico e autoritário e recusou-se, no começo, a dizer-nos quem era. Servia-se de um pseudônimo, pois não queria que o médium soubesse quem era.

Quis que nada se dissesse a Indridasson sobre a sua pessoa, tendo nos informado, em particular, que era irmão do avô do médium. Temia que o tomasse menos a sério se adivinhasse que era seu parente.

Foi por esse motivo que chegou a dominá-lo completamente.

Era preciso ensinar o médium a respeitar o espírito-guia, dizia ele, e a obedecer-lhe.

E agora não vos espanteis em saber que ele pretendia ter sido, na sua vida terrestre, professor na Universidade de Copenhague.

Talvez fosse essa a razão pela qual tinha um dinamarquês muito competente para auxiliá-lo. Esse seu muito ilustre

assistente contou-nos que seu nome era Emil Jensen, que tinha sido fabricante e que habitara Copenhague.

Como deveis compreender, Jensen devia vencer grandes dificuldades, pois que era necessário falar uma língua estrangeira pelo vocabulário do médium Indridasson, que jamais aprendera outra língua além do islandês (o islandês e o dinamarquês são tão diferentes e mesmo mais diferentes que o dinamarquês e o alemão) e não aprendera senão o que os filhos do campo, na Islândia, aprendem para a confirmação, numa época em que não havia escolas regulares. Jensen, porém, obteve pleno êxito, de maneira espantosa, e ainda que, de tempos em tempos, as palavras saíssem um pouco estropiadas dos lábios do médium, tinham muitas vezes a melhor pronúncia de Copenhague.

Algo que, em toda primeira linha, tornou Jensen popular em nosso círculo foi a comunicação que nos fez certa noite: havia um incêndio numa das ruas de Copenhague e a casa que estava presa das chamas era uma fábrica.

Gracejando, ele disse a um dos meus amigos que parecia que Jensen se interessava ainda pelas usinas, embora estivesse no Além.

Ocupei-me, com interesse, em saber se ele podia realmente, estando na Islândia, informar-nos de um incêndio que, naquele mesmo instante, ocorria em Copenhague. Não tínhamos telégrafo naquela época. Foi no dia 24 de novembro de 1905. Para que tivéssemos uma testemunha fora do nosso círculo, fui à casa do meu tio, Hallgrimur Svensson, que era então Bispo, e comuniquei-lhe o que Jensen acabara de participar. Pedi-lhe que registrasse o fato.

Meu tio recebia o *Politiken*, e Jensen disse, mais tarde, que ele havia visto uma pessoa ler, na manhã seguinte, nesse jornal, a descrição do incêndio.

Por ocasião do Natal chegou o primeiro barco-correio da Dinamarca e o meu tio buscou, curiosamente, a notícia do *Politiken*. Efetivamente, o incêndio se produzira da maneira descrita. Fora a fábrica de lâmpadas e lustres da Rua Real, de Copenhague, que pegara fogo. O dia e a hora da tarde indicados por Jensen concordavam exatamente. Na primeira sessão depois

do Natal comunicamos a Jensen o que lêramos no *Politiken* e lhe agradecemos. Rejubilou-se por ter esse fato vencido o nosso ceticismo. Fizemos, em seguida, conhecimento com várias outras personalidades mediúnicas, para nos servirmos dessa expressão científica. Espontaneamente, disseram ser espíritos desencarnados, que tinham outrora vivido na Terra.

Devo declarar que sempre tive certo respeito pelo que diziam.

O espírito-guia parecia ter um estado maior de colaboradores, do qual a maior parte era constituída de islandeses (isto é, que tinham vivido suas existências terrestres na Islândia), havendo, entretanto, alguns estrangeiros.

Um deles, no decurso das sessões, foi chamado sempre o “médico norueguês”. Fora, quando na Terra, conhecido do professor. Esse norueguês se exprimia pelo médium, em norueguês, na língua oficial, porém declarou poder falar também na língua popular e, de tempos em tempos, servia-se de palavras que não compreendíamos e que íamos procurar no dicionário de Ivar Assen, onde as encontrávamos.

Por exemplo, ele disse duma feita: “Isto deve ser apenas um *emning*”.

Não podíamos compreender esta palavra, porém descobrimos mais tarde, no referido dicionário, que significa *preparo*.

Esse médico norueguês foi particularmente apreciado por todos nós e os nossos amigos do Além lhe dispensavam muita estima. Excetuando ele, quatro eclesiásticos pertenciam ao estado-maior, assim como um pastor extraordinariamente intrépido, acompanhado de alguns dos seus amigos.

Além desses, um cantor norueguês e uma senhora francesa, que cantavam maravilhosamente. E, de quando em quando, vinham, a título de assistentes, um médico holandês, um médico inglês e ainda um alemão, oficial, creio eu. Este dirigiu, certa vez, as levitações.

Obtivemos o nome da maior parte deles, mas se eram realmente essas inteligências não pudemos sabê-lo. O que posso apenas dizer é que ficamos muito surpresos quando, com a ajuda de um dicionário alemão, descobrimos que um alemão existira,

de fato, com o muito bizarro nome que o médium nos declinara. Afirmo que o médium, no seu estado normal, não conhecia esse dicionário, ainda menos o nome, se bem que esse último nos fosse comunicado, durante o seu transe, por um dos espíritos-guias, por meio do seu instrumento.

Experimentamos com um médium mais de 5 anos e fizemos, regularmente, uma ou duas sessões por semana, de meados de setembro até fim de junho. As personalidades mediúnicas estiveram ali presentes com a mesma regularidade, como se fossem pessoas vivas na Terra.

Não aconteceu nunca que elas se confundissem, embora se servissem do mesmo corpo para se manifestar.

Mas não foi só esse valente estado-maior que se manifestou pelo médium. Uma multidão de outras entidades se comunicaram.

Por exemplo, numa sessão, 26 inteligências diferentes se sucederam e falaram. Eram todas distintas umas das outras.

Que faziam essas inteligências? Procuravam convencer-nos de que não eram parte da subconsciência do médium, mas criaturas viventes em um mundo que é invisível à generalidade dos homens, que elas, outrora, viveram na Terra e que já tinham passado por essa grande transformação tão receada pela maior parte dos seres: aquilo que chamamos morte.

Serviam-se de vários meios para atingir esse fim. Tinham conosco longas conversas e contavam-nos o seu trespasse e a vida de além-túmulo. Recordavam particularidades e acontecimentos de suas existências terrenas. Nomeavam muitas vezes pequenos detalhes que ao médium era impossível conhecer. Em outras palavras, esforçavam-se em provar-nos suas identidades.

Em seguida procuraram convencer-nos de que dispunham de forças que não são aqui conhecidas. Buscaram, por exemplo, deslocar cadeiras, mesas ou outros objetos, sem que o médium ou qualquer outra pessoa os tocasse. Quanto mais o médium se desenvolvia, tanto mais os seus esforços se dirigiam nesse sentido.

Elevaram, várias vezes, o médium a grande altura. Para podermos fiscalizar esse fenômeno, colocamos Indridasson, certa noite, numa cadeira de vime que estalava ao menor movimento.

Colocamos essa cadeira num dos cantos da peça e dispusemos, em seguida, cadeiras em duas fileiras tão cerradas que toda a passagem entre elas era impossível. Apagamos a luz. Em pouco tempo o médium, colocado na cadeira de vime, foi elevado do chão e todos os assistentes ouviram, muito nitidamente, a cadeira estalar enquanto o médium deslizava por cima das nossas cabeças, sendo depois colocado no soalho, detrás das cadeiras.

Acesa a luz, vimos o médium, inconsciente (em pleno transe), na cadeira de vime, na qual parecia ter ficado sentado e imóvel durante seu deslocamento aéreo.

Uma vez, mais tarde, esse fenômeno de levitação não foi menos assombroso. Foi no dia 18 de janeiro de 1909. Fiquei com dois experimentadores, depois do fim da sessão, na casa do médium. As inteligências invisíveis pareciam ter dificuldades em despertá-lo.

Elas deram a seguinte explicação: “Acontecia isso porque lhes fora muito difícil restituir ao médium um pouco da força ectoplásmica que lhe haviam tirado do corpo”.

Ele se tornara então médium de voz direta, e nessa noite várias vezes se fizeram ouvir. Numa espécie de meio transe, num estado de semiconsciência tal que ele vivia em dois mundos e parecia poder conversar conosco tão facilmente quanto com os seres do mundo invisível, disse-nos: “Para onde quereis arrastar-me?”

Pouco depois escutávamos todos os três sua voz falando do teto e conjeturamos que seria perigoso se ele caísse ao chão, porém ouvimos um dos assistentes do espírito-guia dizer também lá do teto: “Não tenhais medo”.

Todos os três vimos e ouvimos como, nesse quarto, com a altura de seis côvados, ele fora comprimido contra o teto e como aí batia com os punhos. Pouco tempo depois desceu, sendo-nos

permitido acender a luz. Ele estava estendido sobre a mesa, em profundo estado de transe.

Quando obtínhamos intensos fenômenos luminosos, antes um forte golpe de vento quase sempre se produzia. Essa rajada de vento era tão violenta que os nossos cabelos flutuavam em nossas cabeças e as folhas dos cadernos, que tínhamos abertos sobre os joelhos, eram sacudidas de um lado para outro.

Três vezes obtivemos um fenômeno que parecia incrível à maior parte da gente: o braço esquerdo do médium foi completamente desmaterializado, desapareceu e foi impossível achá-lo, ainda que iluminássemos o local e minuciosamente examinássemos o médium.

Na última noite designaram-se sete pessoas para fiscalizar esse fenômeno. Fizeram luz em torno do médium; a manga pendia vazia como dantes. Apalpamos o ombro do médium, mas não o despimos.

Os sete membros dessa comissão de pesquisas assinaram, todos, sob juramento de honra, uma ata desse caso.

Bem sei que esse fenômeno é muito raro, mas não é desconhecido em outros países. Sei, por uma correspondência trocada com um psiquista francês, que ele foi observado e fotografado naquele país.⁴

Os espíritos dirigentes pareceram ficar muito satisfeitos com esse resultado, porque pensavam ter assim a certeza de que Indridasson era médium de materialização e Jensen julgava que ele estaria em estado de mostrar-se em menos de três meses, quando as experiências passassem para esse terreno de pesquisas, o que não se deu. O médium ficou subitamente enfermo e os ensaios de materialização tiveram de ser transferidos para mais tarde.

No outono seguinte as experiências recomeçaram e requereram muita paciência, tanto da parte dos experimentadores quanto da das inteligências invisíveis. Em 1906, no dia de Natal, obtivemos, finalmente, um resultado compensador.

Utilizávamos então dois compartimentos que havíamos alugado na casa de Einar H. Kvaran. Estávamos sentados com o

médium num quarto bastante espaçoso, ao lado do qual se encontrava um pequeno aposento que os espíritos-guias nos declararam empregar para o seu próprio uso.

Pouco antes do Natal esse aposento começou a encher-se de uma forte luz branca e nessa luz apareceu uma forma que pretendia ser Jensen desencarnado. Ele se mostrou, primeiramente, entre as duas cortinas da porta e, com um legítimo acento de Copenhague, exclamou: “Podeis ver-me?”

Depois do Ano Novo ele se mostrou na peça em que estávamos sentados com o médium no meio de nós, como não vos deveis esquecer.

O médium estava mergulhado em profundo estado de transe. O novo visitante trazia uma veste branca e muito fina, a qual caía em numerosas dobras até o solo. Dele emanava luz. Vimo-lo em vários lugares do aposento.

Certa vez ele se colocou de pé em cima de um sofá e por detrás dele brilhava uma luz vermelha que se assemelhava a um pequeno sol do qual irradiava uma luz branca. Não poderei jamais esquecer tão maravilhoso espetáculo!

Muitas vezes o novo hóspede conseguia mostrar-se na mesma sessão sete ou oito vezes, em diversos lugares do quarto. Em numerosas ocasiões vimos distintamente o médium e a forma materializada; ao mesmo tempo, porém, o visitante maravilhoso não podia tornar-se visível senão um instante (alguns segundos somente). Quando ele acabava de fazer-se visível, procurava tocar algum dos assistentes com a mão, o pé ou o braço e permitia-nos apalpar seu corpo efêmero, antes de desmaterializar-se.

Traduzo uma pequena passagem do meu diário, relativa à sessão de 4 de fevereiro de 1907, realizada às 8 horas da noite, tal qual a redigi na manhã seguinte, entre as onze horas e o meio-dia.

Jensen apareceu, primeiramente, três vezes, na posição que ocupava: sentado na cadeira do médium, no seu colo. Eu estava sentado na primeira fila e os vi, distintamente, especialmente suas cabeças e os braços de Jensen.

Logo depois ele se mostrou num canto, junto à porta que comunicava os dois quartos. Estava vestido com a sua veste branca; os braços, apoiados contra a parede, eram vistos nitidamente.

Mostrou-se, em seguida, com mais nitidez ainda, perto da cortina. Depois, mais nítido ainda, no sofá. Depois ainda, e com uma extraordinária clareza, perto da janela, no outro extremo do quarto e, imediatamente, perto da minha prima Sra. Sigridur Björnsson.

Finalmente, colocou-se por detrás do encosto da cadeira do médium, de modo que sua cabeça quase tocava o teto.

Uma outra forma apareceu, logo depois, no vão da porta. Apenas lhe era visível a parte superior do corpo, porém a vi, distintamente, com a sua roupagem branca.

Diversos assistentes foram, em seguida, tocados. Senti que um pé descalço me tocava o joelho; era um pé frio. Segurei-o, apalpei-lhe os dedos grandes e reconheci o grande artelho e a sua unha. O pé elevou-se, em seguida, no ar e o segui com a mão, tanto tempo quanto a minha posição, sentada, o permitiu. Alguns instantes depois coloquei ambas as mãos sobre os meus joelhos. Um pé materializou-se-lhes em cima. Estava descalço; era um pé frio e humano. Por último, senti roçar-me a face uma mão ou pé e pareceu-me que dois dedos me tocavam as maçãs do rosto.

Segundo ordem do guia principal, convidamos três pessoas, que não pertenciam à Sociedade, para assistirem, como testemunhas, a uma sessão.

Alguns dentre nós, que tínhamos feito parte do círculo desde a sua estréia, possuíamos cultura acadêmica e desejávamos, firmemente que esses três observadores fossem pessoas consideradas e no testemunho das quais pudéssemos confiar com base.

Nossa escolha recaiu sobre o bispo, o burgomestre e o cônsul britânico de Reykjavik.

O burgomestre aceitou o encargo de examinar tudo, minuciosamente, antes e depois da sessão (as duas peças e o médium) a fim de eliminar a hipótese de fraude. Na noite

combinada, quiseram todos os membros da Sociedade assistir à sessão, porém, como no local não podiam caber mais de quarenta pessoas, muitas ficaram de pé durante as experiências.

Essas quarenta pessoas, entre as quais se encontravam as três testemunhas convidadas e que estavam sentadas nos melhores lugares da primeira fila, viram aparecer Jensen onze vezes durante a sessão. Ele se mostrou cercado de uma luz resplandecente.

Um jovem escritor, que mora atualmente em Copenhague e que assistiu à sessão, me disse recentemente: “Jamais esquecerei a sessão em que quarenta pessoas viram a resplandecente materialização. Apesar de todo o meu cepticismo de antes e depois, penso que, realmente, o que se passou naquela noite atesta bem que existe alguma coisa do Espiritismo”.

Uma das testemunhas, o bispo Hallgrimur Svensson, já não pertence hoje ao nosso mundo. Ingressou no vasto Além, mas as outras duas testemunhas vivem ainda em Reykjavik e podem ser interrogadas. O burgomestre é, provavelmente, um dos cinco juízes que constituem a mais alta jurisdição do país.

O bispo fez muitas sessões no bispado; nunca obtivemos tão excelentes resultados quanto na sua casa. Ele ficou completamente convencido da realidade dos fenômenos e, de uma feita, disse-me: “*Só agora eu compreendo muitas coisas do Novo Testamento que jamais pude compreender bem*”.

A mediunidade de Indridasson se desenvolveu em vários sentidos. Foi tanto um médium de transportes quanto um excelente médium de voz direta.

Servíamo-nos de dois alto-falantes ou trombetas, nas nossas sessões: uma pequena, que as inteligências invisíveis faziam evoluar na sala, e uma outra, um pouco maior, colocada num suporte de ferro, sobre o qual girava. Esse comprido alto-falante ampliava as vozes de maneira espantosa. As vozes diretas cantavam, muitas vezes, perfeitamente bem, especialmente três delas: uma de alguém que pretendia ter sido sacerdote na Islândia, a segunda era a de um cantor e compositor norueguês e a terceira de uma senhora francesa que, segundo o que pudemos compreender, teria sido artista de ópera, na sua vida terrena.

Pudemos, de tempos em tempos, ouvir cantar duas vozes ao mesmo tempo: uma voz feminina de soprano e outra masculina, de baixo-barítono.

Um dos fenômenos, que pudemos várias vezes observar, foi a sala encher-se de um perfume maravilhoso que, em rajadas, se espalhava sobre todos nós.

Além da experiência que consistia no deslocamento de objetos, no local em que realizávamos a sessão obtivemos diversas vezes o seguinte fenômeno: a passagem da matéria sólida através da matéria sólida. Vou dar-vos um exemplo, relatando o que ocorreu numa noite em que o poder do médium era extraordinariamente grande.

Os espíritos-guias propuseram-nos tentar a seguinte experiência: ir buscar um objeto numa casa da cidade e transportá-lo para a mesa da sala da sessão, através de tetos e paredes. O médium caiu em transe e, sem conhecimento dele, escolhemos a casa donde o objeto devia ser transportado, a fim de excluir logo a hipótese de que o médium tivesse podido trazer o objeto consigo.

Propusemos ao guia a escolha entre a casa do bispo e a de um médico bem conhecido. Os espíritos dirigentes escolheram a do médico, por ter Indridasson estado muitas vezes na casa do bispo.

Logo em seguida ouvimos pancadas como jamais ouvíamos, antes e depois. Demoraram um instante e houve uma pausa durante a qual os guias nos avisaram que haviam tirado o objeto da casa do médico, pelo teto.

Depois da pausa repetiram-se as pancadas e, num curto espaço de tempo, depositaram na nossa mesa um grande vidro, no qual havia vários pássaros conservados em álcool. Telefonou-se imediatamente ao médico para saber se tais coisas lhe pertenciam. Ele afirmou que não.

O médium, que estava então acordado e que se encontrava na sala, foi de novo “tomado” e um dos espíritos-guias declarou, com grande insistência, que fora ele próprio quem tirara o frasco de um armário amarelo, num quarto da casa do doutor,

precisamente onde um senhor velho, sentado, conversava com dois outros homens.

Comunicou-se isto ao médico e, depois que este fez investigações, tudo se revelou exato: o sogro do médico estava sentado na peça em que se encontrava o armário, em conversa com dois estranhos. O frasco pertencia ao sobrinho do médico e tinha desaparecido do armário.

Um corpo sólido, através de tetos e paredes e de outros corpos também sólidos, fora transportado pelos espíritos-guias e jazia em cima de nossa mesa.

Estou longe de haver relatado os mais convincentes fenômenos que presenciei. Esses se produziram com violência. Espíritos obsessores, de uma obsessão bem pouco amigável, procuraram várias vezes apossar-se do médium pela força e perturbar o trabalho dos bons espíritos. Desde o primeiro ano, notamos a presença de seres espirituais em situação penosa. Os guias contaram-nos que entre eles havia alguns que se suicidaram. Um deles falou tão distintamente e de maneira tão característica que muitos membros do círculo pensaram reconhecê-lo.

Esses pobres seres procuravam ajudar os guias e muitas vezes, durante as sessões, fui convidado a orar por eles, em alta voz.

Os guias diziam que a prece era um poderoso auxílio para esses deserdados.

Durante o inverno de 1907-08 um deles causou-nos grande descontentamento, porém creio que é melhor, nesta exposição de fatos, não me estender sobre o assunto.

Já notei que se faz muito pouca experiência, nesse domínio, aqui na Dinamarca e, como teólogo, não me esqueci das palavras de São Paulo de que “há um estado no qual as pessoas não suportam alimento sólido, mas apenas leite como as criancinhas” (I Coríntios, cap. 3, vers. 1 e 2).

Esse espírito atrasado se emendou mais tarde e, após longa ausência, lhe foi permitido assistir de novo às sessões, sendo para os guias um auxiliar muito diligente, um mestre na arte de

produzir os fenômenos mais difíceis, por meio da força do médium. Designamo-lo por um nome muito corrente na Islândia: “Jon”;⁵ dele recebemos boas provas de sua identidade. Desesperado, suicidara-se, precipitando-se ao mar.

Depois de sessões nas quais se produziram grandes perturbações, fiquei convencido de que a luta entre o bem e o mal não termina neste lado do túmulo.

Passados quase quatro anos de experiências, autorizamos um médico muito céptico a tomar parte nas nossas reuniões.

Impusemos-lhe apenas uma condição: a de que não comparecesse somente algumas vezes ou um mês às sessões, mas que, durante todo o inverno, pesquisasse conosco. Era a única maneira de poder ele formar uma opinião acerca dos fenômenos.

Tínhamos então feito construir uma casinha, a qual foi exclusivamente reservada às nossas experiências, porque nosso círculo já aumentara bastante. Havia, às vezes, 70 pessoas presentes na reunião.

A fim de prevenir a possibilidade de compadrio da parte dos assistentes, mandamos então estender, no meio da sala de experiências, do teto ao solo, uma rede. Suas malhas eram tão pequenas que era impossível passar uma mão através dela. O médium ficava sentado com um fiscal, atrás da rede, e todos os assistentes do outro lado.

Essa disposição não perturbou, de maneira alguma, a marcha dos fenômenos.

Objetos soltos, como uma mesa, uma caixa de jogo, uma cítara, duas trombetas, o suporte, etc. foram, como dantes, deslocados através da rede.

Quase sempre era a mim que cabia o encargo de fiscalizar o médium e assim tive oportunidade de observar os fenômenos melhor ainda do que outro associado.

Bastas vezes convidei o médico céptico para sentar-se comigo bem detrás da rede e observar-me e ao médium. E muitas vezes não me contentei com isso. Certa noite, em que os guias

nos prometeram produzir a escrita direta, pedi a um outro médico para ajudar-me a vigiar o médium.

Segurávamos ambos os braços e joelhos do médium e observávamos, ao mesmo tempo, um ao outro. Deixamos ao médico céptico o cuidado de vigiar a mesa, sobre a qual se depositara um pedaço de papel e um lápis. A mesa estava tão afastada do médium que seria impossível atingi-la com o braço, ainda mesmo que tivesse as mãos livres.

Apesar dessas medidas de fiscalização, pudemos (todos os três e cerca de 60 assistentes do outro lado da rede) ouvir claramente o lápis mexer. Pouco depois uma folha de papel veio sozinha voando através do ar e caiu sobre as nossas cabeças, quando estávamos ambos inclinados sobre o médium. Acendeu-se a luz e o médico céptico leu diante de todos o que fora escrito pela mão invisível. Era uma carta curta, amável, que afirmava ter sido escrita por uma moça do grupo dos desencarnados. Essa jovem era a que havia descoberto as faculdades mediúnicas de Indridasson e que, primeiramente, segundo o que nos dissera, se arriscara a pô-lo em transe. O esculápio céptico me disse, depois da sessão, que ouvira uma fraca voz feminina, ao tempo em que o lápis se levantava. Ele ouvira dizer: “Ainda que esteja escuro, vejo da mesma maneira”.

Mais tarde eu disse diversas vezes ao meu amigo médico: “Se a escrita direta que obtivemos naquela noite se produziu graças à fraude, ou por um truque, foste tu o fraudador”.

Devo confiar-vos que aquela cartinha me agradou tanto que não somente a guardei com grande cuidado, mas a fotografei.

Disse antes que tínhamos atrás da rede uma caixa de jogo assim como uma cítara e que ambas foram deslocadas pelas inteligências invisíveis.

O médico céptico amarrou na cítara uma fita fosforescente, que brilhava na obscuridade. Podíamos, assim, observá-la por mais longe que ela voasse. Os espíritos tocaram, muitas vezes, música nas cordas da cítara, enquanto, com a rapidez de um relâmpago, a deslocavam no ar. Todos os experimentadores podiam observá-la porque a faixa fosforescente indicava, constantemente, onde a cítara se achava.

Certa noite a fita se soltou da cítara e caiu no chão, evidentemente, por trás da rede. Poucos instantes depois ela foi levantada no ar e, como o médico meu vizinho e eu vigiávamos o médium, pudemos ver três dedos, da cor natural da carne, que faziam passear a fita no ar, no-la tornando a entregar.

A vos de Jon vibrou, como sempre, triunfante. Não eram os seus dedos materializados que havíamos visto?

Durante esse inverno tivemos um novo período de sessões agitadas, porém dessa vez o velho agitador Jon se tornara um auxiliar inapreciável para os espíritos-guias. Tomou conta de mim e do médium sempre que os outros espíritos queriam importunar-nos.

Como exemplo do que poderia acontecer-nos, relato o seguinte caso:

Estava eu sentado, certa noite, a sós com o médium, por trás da rede, quando apenas três homens assistiam à sessão, do outro lado: o médico céptico Gutmundur Hannesson, o oculista Björn Olafsson e o escritor Einar H. Kvaran.

Depois de áspera luta com duas inteligências, particularmente grosseiras em suas expressões, coloquei-me com o médium na escada conducente à cadeira.

Passei-lhe os braços pelos ombros e apertei-lhe as pernas entre os meus joelhos, para fiscalizá-lo. Então a cadeira, que era fixa na parede e no chão, foi, de repente, arrancada, quebrada e atirada ao solo, junto à rede. Continuei a segurar o médium, com força, porém fui com ele agarrado por uns como braços que se moviam no ar, de modo que voamos e fomos cair um pouco mais longe.

Feri, desastrosamente, as mãos na queda e o médium ficou de tal modo comprimido entre as peças da cadeira quebrada que uma farpa de madeira se lhe enterrou profundamente na carne, ao cair.

Aqui, devo prevenir uma objeção que alguns dos meus ouvintes farão talvez, dizendo: “Neste caso, tivestes bem a prova de que estáveis em comunicação com maus espíritos ou demônios”.

Penso de maneira diversa. Em geral, faz-se uma idéia absolutamente falsa desse gênero de fenômenos, desde que, ao relatá-los, se omita tudo o que as inteligências dizem. Por isso dou-me pressa em fazer saber o que, de um lado, os maus espíritos diziam e, de outro, o que falavam os espíritos-guias.

Um deles era chamado “Capitão”, pois fora, conforme declararam, piloto de um barco de pesca que, com toda a tripulação, desaparecera por ocasião de um naufrágio recente. Segundo contaram, tinham ido para bordo e se entregado ao álcool. Após longa luta com um tempo terrível, pereceram no sinistro, perto da costa.

Um dos guias de Indridasson, dando uma explicação mais clara, disse que eles eram tão maus quanto bêbados e que, nesse estado, tinham morrido afogados. Acrescentou ser perigoso encontrar-se alguém bêbado por ocasião da brusca passagem da vida para a morte. Tal estado, inevitavelmente, se prolonga do outro lado, donde deduzia que eles ainda não se haviam percebido da sua situação. Depois de algum tempo as desordens cessaram. Uma noite as mesmas inteligências se manifestaram de novo, mas fora do médium, por via direta. Estavam inteiramente calmas e pediram-nos perdão por tudo que haviam feito. E o “Capitão” acrescentou: “Não sabíamos realmente o que fazíamos; sentíamo-nos como embriagados”.

O médico céptico, que é atualmente professor na Universidade de Reykjavik, ficou, nesse inverno, absolutamente convencido da realidade dos fenômenos e inscreveu-se como membro de nossa sociedade.

No ano seguinte ele escreveu em um jornal uma série de artigos sobre as suas pesquisas e ali fez a seguinte declaração: “Ainda que, em cada sessão, das realizadas por todo o inverno, buscasse descobrir fraude ou truque, jamais pude encontrar nem um nem outro. Ao contrário, fiquei convencido de que os fenômenos eram reais. E sou sempre desta opinião.”

Antes de partir da Islândia, tivemos uma conversa e ele me disse, entre outras coisas o seguinte: “Podes estar certo de minha absoluta convicção de que os fenômenos são, indubitavelmente, verdadeiros”.

Foi verdadeiramente trágico ter morrido esse excelente médium Indridi Indridasson tão jovem ainda! Em junho de 1909, quando as suas faculdades mediúnicas estavam no apogeu, obteve férias de verão e partiu para a casa de seus pais, com sua mulher. Durante essas férias contraiu tifo. Sua esposa contaminou-se e morreu; desde essa ocasião não obteve melhoras e, assim, mais sessão alguma realizamos com ele. Em pouco tempo a tísica se declarou e ele morreu durante o verão de 1912 no Sanatório Vifilstad.

Lastimo que o tempo não me permita expor-vos algo acerca dos numerosos e bons espíritos que se manifestaram nas nossas sessões e que nos deram provas de suas identidades.

Pus em destaque os aspectos dos fenômenos que são os mais dificilmente explicáveis pela teoria animista.

As inteligências com as quais nos mantivemos em relação durante todos esses anos se mantinham tão pessoais quanto nós mesmos.

Elas se propuseram apenas a um fim, durante esses cinco anos: convencer-nos da importância de suas afirmativas de que eram espíritos desencarnados, que tinham outrora vivido na Terra.

Fiz muitas experiências, posteriormente, tanto na Inglaterra como na Islândia, e todas elas só serviram para fortalecer a convicção que possuo, graças à maravilhosa mediunidade de Indridasson.

Sei perfeitamente bem que muitos querem explicar os fenômenos pela telepatia ou pela subconsciência do médium; outros pela irradiação do corpo humano. Quando, de tempos, ouço ou leio especulações feitas por homens sábios que escrevem, sentados nos seus gabinetes, sem terem ao menos assistido a uma sessão, quando vejo que eles querem tudo ajustar às suas próprias teorias para excluírem a explicação espírita, pergunto, interiormente, a mim mesmo: “Podem eles achar uma explicação para as minhas mãos inchadas e para o prego enterrado na carne do médium?”

Não posso impedir-me de duvidar que a telepatia seja realmente bastante poderosa para arrancar cadeiras solidamente pregadas. Gostaria de ver em meu lugar, na noite em que fui levantado do assento no chão, um desses doutos cépticos que discorrem sobre os fenômenos psíquicos sem terem tomado parte numa única sessão espírita. Essa “viagem aérea” teria bem convindo a todos.

Mister se faz insistir sobre esse ponto, porque não foi nem um único fenômeno, nem um acontecimento determinado, que me deu esta firme convicção, mas a observação do seu processo e do seu conjunto. Vi os fenômenos em sua origem, em sua plenitude e em seu desaparecimento. Observei-os quando o poder do médium estava no seu apogeu e quando prestes a desaparecer. É por isso que todos aqueles que experimentaram com Indridasson durante um certo tempo chegaram, como eu, ao conhecimento (apesar de bastante limitado), à compreensão de fenômenos que de outra maneira não se explicariam. Para dizer tudo, experimentei na Islândia com dez médiuns e tomei parte em várias sessões com quinze médiuns, na Inglaterra.

A maior parte desses médiuns eram ingleses, porém alguns americanos.

Quanto mais me entregava às pesquisas psíquicas, quanto mais lia os estudos dos outros (e sobre o assunto li muito) melhor compreendia ser indubitável que a comunicação entre os espíritos desencarnados e os encarnados só se estabelece com grandes dificuldades. Mas, ao mesmo tempo, compreendi claramente que as outras explicações eram insuficientes e que somente a hipótese espírita permite abraçar *todos* os fenômenos.

Conquanto não tenha a menor dúvida acerca das conclusões a que conduzem as investigações psíquicas, sustento que temos a obrigação de exigir sempre novas provas. Devemos recolhê-las porque nada é mais prejudicial ao progresso da nossa causa do que a credulidade e a falta de argúcia de muitos espíritas. Mesmo quando um médium de incorporação profere uma alocução, não há nisso nenhuma prova certa de que ela provenha de um espírito desencarnado. É por isso que não posso compreender que alguém se meta a formar um círculo espírita unicamente porque

dispõe de um médium de incorporação. Bem sei que nas primeiras comunidades cristãs tais fenômenos produziram profunda impressão e que se escutavam, com prazer e viva atenção, esses inspirados.

Porém, se volvemos, com o maior respeito, os nossos olhares para o tempo dos apóstolos, precisamos, entretanto, ser mais críticos no século XX. Não deposito confiança na faculdade mediúnica de qualquer pessoa sensitiva enquanto dela não receber uma boa prova.

Se o tempo mo permitisse, seria para mim grande alegria dar-vos uma prova convincente das dificuldades inerentes à comunicação entre as duas formas da existência, porém é impossível.

Também narrar-vos-ia, de boa vontade, as minhas experiências na Inglaterra, porém devo renunciar a isto pela mesma razão.

Vou, entretanto, relatar, o mais brevemente possível, alguns casos acontecidos no verão de 1910.

Durante o inverno de 1909-10 fiz experiências, por um momento, com certa médium que é casada, atualmente, com um juiz da Islândia. Nessas sessões, que se realizavam em plena luz, uma inteligência que muitas vezes se incorporou pretendia ser um dos meus espíritos protetores e forneceu-me diferentes provas de sua identidade.

A inteligência disse que seu nome fora Ingeborg, em que parte da Islândia vivera e quando e como desencarnara.

Escrevi para a Islândia e recebi de uma senhora idosa a seguinte informação: “Realmente, uma mulher, de nome Ingeborg, existira naquele lugar e falecera da maneira indicada nas sessões”.

Não pude encontrar em Reykjavik uma só pessoa que tivesse conhecimento dessa existência.

Antes de partir para a Inglaterra, realizei uma sessão com a médium em questão e tive uma conversa com “Ingeborg”.

Perguntei-lhe se ela queria tentar dar-me um sinal da sua presença pelo vocabulário de um médium inglês. Respondeu-me

que estava disposta a fazê-lo e que buscaria dar-me o seu nome. Lembrei-lhe que os nomes são sempre difíceis de transmitir e precisamente ela encontraria dificuldade em trabalhar com um médium inglês para o qual os nomes islandeses eram inteiramente estranhos. Então ela propôs que convencionássemos um sinal pelo qual ela se faria conhecer. Essa idéia me satisfez e lhe propus que, se ela conseguisse manifestar-se na minha presença, por um médium inglês, levantasse a mão direita no ar.

Essa sugestão não teve a sorte de agradar a Ingeborg; quis, ela própria, escolher o sinal com o qual eu estivesse de acordo: “Mostrar-me-ei com uma cruz”, disse-me ela, porém não ficamos inteiramente de acordo porque eu achava que isso era banal e que se diria depois ser apenas uma feliz coincidência.

Então ela disse: “Mostrar-me-ei, primeiramente, com uma cruz, em seguida a enlaçarei e a beijarei”.

Fiquei satisfeito, porque o sinal convencionado entre nós se decompunha em duas partes e não seria fácil explicá-las no caso em que a experiência tivesse bom resultado.

Logo depois da minha chegada à Inglaterra, antes que assistisse a uma sessão qualquer, com médiuns profissionais, fui, certo dia, convidado para almoçar na casa de um rico inglês que havia muito se interessava pelas pesquisas psíquicas.

Entre os hóspedes, à noite, encontrava-se um comerciante, que era dotado de brilhantes faculdades mediúnicas. Era clarividente, médium de materialização, como também médium de incorporação, porém não fazia sessões com seus amigos e se guardava segredo de que ele estava de posse de uma tal mediunidade, porque temia que seus fregueses não o deixassem em paz se soubessem de semelhante coisa.

Nosso hospedeiro, que era amigo íntimo do negociante, fez-nos saber que ele lhe prometera conceder uma sessão. Esta foi para nós a mais interessante possível. Nela vi o espírito de uma criança de quatro anos materializar-se bem perto da minha cadeira, tendo eu observado, da maneira mais minuciosa, o processo da materialização e examinado longamente o semblante sedutor da criança.

Recebi então a comunicação desejada de Ingeborg. Por felicidade, um dos assistentes observava tudo o que se passava no decurso da sessão. Tive, primeiramente, uma descrição de minha falecida mãe e uma longa mensagem dela. Escutei, sem dizer palavra. Depois o espírito-guia do médium anunciou que chegara uma senhora, a qual se mostrava com uma cruz. E agora, seja-me permitido recordar algumas palavras inglesas, consignadas pelo redator da ata da sessão: “*A lady with a cross. She helps and keeps you. Se kisses it*” (Uma senhora com uma cruz. Ela vos ajuda e vos protege. Beija a cruz).

No dia seguinte o secretário da sessão me deu um extrato do processo verbal relativo ao que me concernia, extrato que conservo ainda.

Um outro caso: Antes que eu partisse em viagem, os espíritos-guias de Indridasson lhe comunicaram várias vezes que destacariam um do seu grupo para acompanhar-me à Inglaterra. Indridasson havia então partido para a casa dos seus pais, porém me escreveu uma carta que eles estavam de acordo com a escolha da senhora que o fizera cair em transe e da qual falei várias vezes nesta exposição.

Seu verdadeiro prenome era Sigrid, porém nas sessões foi sempre chamada “N. N.”.

Como podeis pensar, eu esperava justamente que “N. N.” se manifestasse por médiuns ingleses. Para os cépticos, que crêem que os desejos dos experimentadores são as causas profundas dos fenômenos, é claro como o dia que eu devia ouvir algo de “N. N.”, pois que esperava, vivamente, ouvi-la falar. Se essa explicação é verdadeira, como é notável que os meus pensamentos e desejos não tenham nada obtido dela, nem por um, nem por outro médium!

Ao contrário, uma das minhas sobrinhas, que se casara com Indridasson e que falecera 3 a 4 anos antes, se manifestou pelo vocabulário de quatro médiuns. Obtive uma excelente descrição dela na casa do bem conhecido médium Alfred Vout Peters, na primeira vez que o vi.

Tinha ela dois prenomes. O primeiro, ela mo deu por intermédio da médium conhecida por Parma, em Londres. O

segundo pela Srta. McCreadie. Em casa desses três médiuns as descrições, mesmo acerca das circunstâncias de sua morte, foram tão exatas que aí não podia haver engano.

Quando, para meados de setembro, voltei à Islândia, estava muito enganado pensando que os ensaios com “N. N.” estivessem completamente paralisados.

À minha chegada encontrei logo depois Indridasson, que voltara à cidade. Depois que nos cumprimentamos, porém antes que nos sentássemos, ele me disse:

“Relativamente a “N. N.”, uma grande mudança se operou depois que lhe escrevi. Numa das primeiras noites que se seguiram à expedição da minha carta, “R. G.” (isto é, o guia principal) veio a mim e me disse: “Modificamos nossa resolução a respeito daquele que deve acompanhar o pastor Nielsson à Inglaterra. Achamos que a prova seria bem mais forte se ele não suspeitasse quem do grupo iria acompanhá-lo, mas soubesse apenas que seria um de nós. Eu lho digo agora para que seja testemunha de que queremos deixar partir com ele a sua própria sobrinha, vossa falecida esposa, e não “N. N.”.

Tudo se esclareceu em mim e compreendi então por que a fiel “N. N.” não se manifestara no decurso da minha viagem à Inglaterra.

Ao contrário, por quatro médiuns, manifestara-se sempre a minha sobrinha. Tive a confirmação de que Indridasson fala a verdade quando, um pouco mais tarde, encontrei minha irmã. Durante a estação de verão ela fora visitar Indridasson e, conquanto a saúde deste não fosse muito boa, ele quis conceder-lhe uma sessão, na expectativa de que a filha dela se manifestasse. Com grande espanto deles, um dos guias de Indridasson lhe comunicou, durante o transe, que a moça fora encarregada de acompanhar o tio na sua viagem à Inglaterra e que por essa razão não se manifestaria na Islândia.

Posso acrescentar, para aqueles que têm pouco conhecimento desses assuntos, que este fato é notável, porém me aterei somente aos fatos sem pretender explicá-los.

A resistência que encontram sempre as ciências psíquicas provém principalmente da falta de conhecimentos. A maior parte dos homens é, nesse domínio, completamente ignorante e assim deixa-se facilmente espantar pelos esforços da imprensa em ridicularizar essas coisas.

Existem poucos que tenham tido oportunidade de observar os mais convincentes e importantes fenômenos, por isso não é extraordinário que não estejam convencidos de que, pelo menos, alguns desses fatos provenham de um mundo desconhecido.

Quando reflito em toda essa luta que se trava sobre a explicação dos fenômenos, lembro-me muitas vezes de um pequeno acidente da minha vida pessoal, porém antes que vos fale dele devo fazer notar que, justamente, em face de Reykjavik, do outro lado do fjord, ergue-se uma alta montanha chamada Esja.

Foi no verão de 1901. Eu viajava pela primeira vez pelo sudeste da Islândia, onde Gunnar e Njal moravam. Viajava a cavalo e tinha por companheiro um teólogo. Na viagem de volta disse-lhe:

“Vi enfim a planície meridional da Islândia, a região rica em recordações. Na verdade, já a vi uma vez. Eu escalei o Esja, a 8 de setembro de 1893, com o teólogo Dr. Helgi Pjeturss. O ar estava tão límpido, tão claro, que podíamos divisar, ao longe, para leste, até Oefjeldsjokulen, e percebemos as azuis ilhas de Vest, que emergiam do mar”.

“Isto não tem sentido – respondeu o meu amigo –. É impossível do Esja divisar, a leste, a cadeia de montanha. Escalei também, um dia, o Esja e não se tinha nenhuma perspectiva para leste”.

E ele citou o nome daquele com quem fizera a ascensão, um chefe de serviço de Copenhague, acrescentando, é verdade, que haviam subido a um outro ponto que não o meu, porém me assegurou que atingiram o mais alto cimo.

Expliquei-lhe que estava certo do que lhe adiantara. Lembrava-me muito bem de quanto a perspectiva fora

arrebatadora, porém ele pretendia que eu me enganara. E chegamos a discutir vivamente o assunto.

Cheguei à conclusão de que era mais razoável calar-me. Cavalgamos, um momento, lado a lado, sem dizer palavra.

No meu silêncio, refletia que, assim voltássemos a Reykjavik, iria procurar o Dr. Helgi Pjeturss e o tomaria como testemunha de que eu dissera a verdade. Naturalmente, assim fiz, logo que chegamos em casa. O Dr. Pjeturss se recordava tão bem quanto eu de que, para o lado de leste, havíamos avistado além da cadeia de montanhas e que era um panorama maravilhoso. O meu amigo não teve outro recurso senão o de calar-se.

Durante numerosos anos eu me espantava ainda de que ele não tivesse conseguido ver do outro lado. Alguns anos mais tarde dois estrangeiros pediram-me para fazer com eles a escalada do Esja. Chegamos um pouco tarde e resolvemos escalar a montanha no mesmo lugar em que o meu amigo teólogo e o chefe de serviços haviam subido.

Podia-se ir a cavalo até certa parte do percurso e a subida só era difícil no ponto em que eu e o teólogo tínhamos outrora passado para atingir o ponto culminante.

Quando alcançamos esse ponto e começava eu a gozar da magnífica perspectiva, descobri com profunda estupefação que desse lugar a vista não alcançava além da cadeia de montanhas, a leste. O Esja não é, precisamente nesse lugar a que atingimos, tão elevado quanto em outros lugares.

Eu compreendia agora o meu amigo e verificava que ele não se enganara. Todavia ele não tinha razão: Do Esja pode-se ver a leste, além da cadeia de montanhas. Todos na Islândia o sabem, todos aqueles que se deram ao trabalho de escalar o mais alto pico. Para dizer verdade, eles são pouco numerosos. Os homens são tão preguiçosos que não querem escalar a montanha íngreme.

A longa disputa entre mim e o meu amigo provinha do seguinte: ele nunca atingira *o mais alto cimo* donde se goza de perspectiva sobre o outro lado e *o meu erro* residia em não ter notado quanto tudo depende do lugar da montanha donde se parte e da altitude a que se chega. Não se dá o mesmo com os

fenômenos psíquicos. Do ponto culminante da cadeia de montanhas *pode-se ver* em todas as outras direções. No Além, porém, se não subirmos tão alto não perceberemos embaixo senão o vale da existência terrestre, no qual vivemos.

Não posso dissimular que sinto certa alegria – como nesse dia em que se tratou da perspectiva do Esja – ao pensar que, absolutamente certo da questão, possa ouvir um materialista servir-se de palavras bombásticas, crendo, verdadeiramente, que pode destruir com zombarias o mais precioso bem da humanidade: a esperança de uma vida eterna.

É o mesmo sentimento que se apodera às vezes de mim, quando ouço os zelosos, os pretensos ortodoxos, que são, em regra geral, pessoas da Igreja, muito ignorantes nesse terreno, falar contra o Espiritismo e contra os resultados mais importantes das pesquisas psíquicas.

Rejubilo-me, entre outras coisas, por ver desde já em seus semblantes um sorriso de desculpa quando estivermos todos no vasto além.

Creio que cada um deles me dirá algo de semelhante ao que o meu amigo deveria ter-me dito: “Era porque tinhas escalado o cimo mais elevado, ao passo que eu não me dera ao trabalho de subir tão alto”.

II

A Igreja e as pesquisas psíquicas

Difícilmente se poderá ocultar quão poderoso de tornou, em nossos dias, o movimento do Espiritismo e das pesquisas psíquicas em muitos países, não na Dinamarca nem na Escandinávia em geral, mas na América, na Inglaterra, na Escócia, na França e na Itália.

Se alguém duvidasse disso eu lhe recomendaria que fosse à Inglaterra ou à Escócia e ali observasse as comunidades espíritas.

Nas duas últimas vezes em que fui à velha Albion, nos verões de 1909 e 1921, entrei em várias igrejas e assisti a algumas reuniões dominicais ou atos religiosos dos espíritas. Verifiquei que as primeiras longe estavam de ser freqüentadas, ao passo que as segundas eram quase sempre assistidas por uma multidão compacta. Ou então que leiam os livros dos doutrinadores, os de Conan Doyle, por exemplo.

Os homens sentem que o Espiritismo lhes traz algo de novo, que lhes dá qualquer coisa que constitui o seu último anseio, porque a grande questão não é, ainda hoje, menos importante: “Nossa vida acaba no túmulo, ou há uma região além da morte? E se há uma vida depois da morte, como é essa vida? E podemos, na verdade, entrar em relação com aqueles que já provaram o que seja a morte e que assim conseguiram saber um pouco mais sobre essa existência?”

Sabemos todos que à Igreja tem sido possível responder, com segurança, *sim* à primeira parte dessas questões, porém exige que sua resposta seja aceita pela fé. A última parte, isto é, se podemos entrar em contato com os mortos, responde *não*. Provas de sua afirmativa? Não as tem e alguns dos seus servidores, em geral, nutrem certa desconfiança por quaisquer provas sobre o assunto. São de opinião que, na matéria, somente a fé pode ajudar-nos. Não parece terem compreendido que o Cristianismo não começou apenas pela *crença* na ressurreição, mas sim pelo *conhecimento* dos fatos que a comprovam.

Se houvésemos interrogado o apóstolo Paulo, para sabermos se ele acreditava na ressurreição, ter-nos-ia certamente respondido: “Não, *crer* não é bem o termo a se empregar a tais fatos; tenho sim conhecimento deles. Não creio apenas, mas *sei*, porque eu próprio vi várias vezes o Ressuscitado e lhe falei”.

Paulo e os cristãos primitivos acreditavam em uma incessante comunicação com um mundo invisível, mais evoluído do que o nosso. É essa mesma comunicação que os espíritas reataram. Há já mais de 70 anos que eles anunciaram essa descoberta, mas, em regra geral, só tem encontrado desprezo e cólera por parte da Igreja, como em toda parte. Finalmente conseguiram atrair a atenção de alguns homens de ciência e, desde que esses iniciaram investigações e que muitos dentre eles chegaram à mesma convicção, a causa espírita fez notável progresso. As pesquisas dos sábios acerca dos fenômenos espíritas e as declarações espíritas foram estimuladas pelos estudos psíquicos.

Falando esta noite sobre a Igreja e as pesquisas psíquicas, penso nos resultados que tem sido obtidos por investigadores como Sr. William Crookes, Sir Oliver Lodge, sir William Barret, o psiquista italiano Lombroso, o filósofo norte-americano Prof. James H. Hyslop, o fisiologista francês Charles Richet e o médico norte-americano, mundialmente conhecido, Adolph Knopf. Cito apenas estes como exemplos.

Poderia acrescentar ainda os nomes de uma plêiade de sábios de renome que alcançaram, todos, o mesmo resultado. Mas não é necessário: são assaz conhecidos vossos.

Quando, porém, o vulgo percebeu que os mestres das ciências tinham chegado a resultados idênticos aos dos espíritas e que revelaram a nova ciência em obras facilmente compreensíveis, as fileiras dos espíritas começaram a engrossar. Citarei apenas um livro que, sob esse ponto de vista, tem feito prodígios. Trata-se da obra de Sir Oliver Lodge, *Raymond or Life and Death* (Raymond ou a Vida e a Morte). Tenho bastas vezes considerado o tempo que seria preciso aos eclesiásticos para se aperceberem de que o Espiritismo superior é parente próximo do Cristianismo primitivo.⁶

Que seja difícil a leigos descobri-lo, explica-se pelo pequeno conhecimento que têm eles do Novo Testamento. A verdade é que estudamos nas Faculdades de Teologia da maior parte das Universidades com os óculos da dogmática. Assim era, pelo menos, no meu tempo, nas Universidades de Copenhague, na Dinamarca; de Halle, na Alemanha e de Cambridge, na Inglaterra. Não temos, porém, o direito de esquecer que, evidentemente, o ensino ortodoxo da Igreja é, em vários pontos, um tanto diferente do ensino ministrado pelo Cristo.

Muitos leigos acreditam que era Jesus em pessoa e somente ele que operava maravilhas e que os milagres se produziam somente por ele e com ele; entretanto o Novo Testamento nos ensina algo um tanto diferente. Logo da primeira vez que ele enviou os seus apóstolos, não foi somente para espalharem o Evangelho, mas também para fazerem milagres. O Evangelho segundo Mateus refere que Jesus lhes disse: “Curai os enfermos, ressuscitai os mortos, purificai os leprosos, expulsai os demônios (Mateus, X, 8). E alegres porque possuíam tal poder, voltaram da primeira viagem. O Evangelho segundo Marcos faz notar ter Jesus prometido que tais sinais seguirão, *em todos os tempos*, os que tiverem fé. O Evangelho segundo João nos transmite a expressão de Jesus: “Em verdade, em verdade vos digo que aquele que crê em mim fará também as obras que eu faço e as fará maior do que estas, pois que eu me vou para o Pai (João, XIV, 12)”.

Também os Atos dos Apóstolos nos falam dos milagres que foram praticados pelos apóstolos e não conheço outros escritos que contenham tantas narrações desses fatos, que muitos chamam hoje, com desprezo, de *fenômenos espíritas*. Se a crença nos espíritos se baseia em algum documento, é, por certo, nesse incomparável e inestimável relato, nessa descrição da primeira comunidade cristã.

Os Atos dos Apóstolos tratam, em seguida, de aparições, de revelações, de profecias, de curas pela força espiritual, de materializações (aparições de anjos) e magníficas levitações.

Duas dessas narrativas ferem-nos, particularmente, a atenção:

a narrativa do segundo capítulo sobre as maravilhas da Pentecostes (o ruído que vinha do céu como o de um vento impetuoso, línguas de fogo, os discursos dos apóstolos em diversos idiomas ou fenômeno de xenoglossia); e

a bela narração do 12º capítulo: como se mostrou o anjo a Pedro na prisão, o despertou levemente e o fez sair através de portas fechadas e sólidas muralhas, depois do que desapareceu, deixando Pedro na rua, completamente desperto, ante os muros da prisão.

Nos meus primeiros anos de ensino teológico, quando eu explicava aos alunos do seminário de Reykjavik essa passagem e fazia notar que aí estava, seguramente, a narração de um acontecimento tão real quanto tantos outros produzidos no século XIX, um dos discípulos obtemperou: “O apóstolo Pedro não tem grande mérito em ter tamanha fé se lhe foi dado realizar tal prodígio. Eu também teria uma fé imensa se dado me fosse realizar semelhante fato”.

Ocorre, então, perguntar: Em que Igreja há hoje ocasião de se fazerem tais experiências ou de se realizar coisa semelhante? Creio ser forçado a responder: Em nenhuma. Entretanto, os espíritas, na América, na Inglaterra e na França, vêm repetindo há mais de meio século: Vinde a nós e vereis e realizareis um pouco de tudo isso. Mostrar-vos-emos nas nossas assembléias o mesmo serviço divino dos primeiros cristãos, do qual nos fala o Novo Testamento”.

É possível que alguns sacudam a cabeça em sinal de incredulidade, mas devemos primeiramente representar com clareza o que eram as reuniões dos primeiros cristãos, muito diferentes do culto divino que se celebra hoje nas igrejas. Delas nos deu o apóstolo Paulo, em suas epístolas, uma clara descrição, principalmente na 1ª Epístola aos Coríntios, a qual, certamente, conheceis.⁷

Naqueles tempos não havia nenhum pregador preparado que pregasse às assembléias com vestes sacerdotais, mas se escutava atentamente o que tinham a dizer os profetas ou outros homens possuidores de dons espirituais. E os dons celestes dessas

peças inspiradas podiam ser e eram de várias espécies. A seu respeito assim se exprime Paulo: “A um é dado pelo espírito a palavra da sabedoria; a outro porém a palavra da ciência, segundo o mesmo espírito; a outro a fé, pelo mesmo espírito; a outro o dom de curar enfermidade em um mesmo espírito; a outro a operação de maravilhas; a outro a profecia; a outro o discernimento dos espíritos; a outro a variedade de línguas e a outro a interpretação das palavras” (I Coríntios, XII, 8, 9, 10).

E não devemos esquecer que esses homens inspirados, na maior parte das vezes, se achavam em um estado particular. Pessoas que vinham ouvi-los acharam tão estranho tal estado que julgavam estivessem eles loucos ou ébrios. Acontecia em suas reuniões que, uns após outros, sofressem essas influências; por vezes mesmo, uma terrível confusão se produzia porque vários desses inspirados falavam ao mesmo tempo, por isso teve o apóstolo necessidade de fixar regras para conservar a mais completa disciplina. Vede o que ele diz: “Que fareis, pois, meus irmãos? Se, quando vos congregais, cada um de vós tem salmo, tem doutrina, tem língua estranha, tem revelação, tem interpretação” (I Coríntios, XIV, 26).

Assim ele fixou regras para que, numa mesma comunidade, fosse apenas permitido a dois ou, no máximo, a três falarem diversas línguas, um após o outro, devendo um outro interpretar os discursos. E para os profetas a mesma ordem: “Que só dois ou três falem e que os outros julguem o que ouvirem”.

Mas o que se devia julgar? A coisa não era assim tão simples. Os primeiros cristãos acreditavam que eram verdadeiros espíritos que falavam por esses indivíduos especiais, sejam eles designados pelo nome de profetas ou por outro nome.

Os gregos tinham um nome comum para todos: *Pneumáticos*, aqueles que eram dirigidos pelo espírito, ou talvez mais exatamente: aqueles que estavam sob a influência de um espírito ou de um anjo.

Paulo exprime-se tão claramente em dois versículos que não se pode deixar de compreendê-lo. Diz ele que é possível manter a boa ordem nas reuniões, com facilidade, porque “os espíritos

dos profetas estão submetidos aos profetas” (I Coríntios, XIV, 32).

E, em outra passagem do mesmo capítulo, diz: “Assim também vós, pois que aspirais dons espirituais (isto é, desenvolver a mediunidade e entrar em relação com os espíritos) seja isto para edificação da Igreja e que os procureis possuir em abundância (I Coríntios, XIX, 12).

No texto grego consta *espíritos* e não *dons espirituais* como menciona a tradução dinamarquesa da Bíblia. Em muitas traduções da Bíblia, esta passagem está vertida em sentido confuso, apesar de não haver a menor dúvida quanto à verdadeira significação dos termos gregos do texto original: *epei zelotai este pneumaton*.

Os tradutores e os revisores da Bíblia nem sempre têm tido a coragem de traduzir com exatidão as Escrituras Sagradas, o que não nos causa espanto. Os teólogos prenderam os seus sistemas dogmáticos em pesadas e estreitas cadeias. Por outro lado, leigos ortodoxos, em muitos países, não podem suportar a verdadeira tradução por julgarem que ela destrói os seus dogmas. Tenho alguma experiência sobre o assunto e falo do que conheço.

Segundo a concepção dos tempos apostólicos, os espíritos podiam ser bons ou maus, isto é, muito evoluídos ou inferiores e atrasados.

Podia acontecer mesmo se manifestarem espíritos com os quais ninguém desejasse entrar em relação. Esses tais impunham-se com insolência, vinham sem ser evocados, exatamente da mesma maneira como acontece nas reuniões espíritas ou nos lugares onde os pesquisadores psíquicos fazem experiências com médiuns e, mais freqüentemente, nos casos em que estes possuem ótimas faculdades mediúnicas para manifestações físicas. É por isso que o autor da 1ª Epístola de João recomenda aos seus leitores não terem confiança em todos os espíritos: “Caríssimos, não creiais em todo espírito, mas provai se os espíritos são de Deus” (João, IV, 1) e adiante acrescenta: “porque foram muitos os falsos profetas que se levantaram no mundo”.

Acreditava-se que havia falsos profetas, isto é, homens influenciados por espíritos impuros e mentirosos, sem que eles mesmos o suspeitassem, certamente por serem médiuns inconscientes.

Também se considerava muito importante haver uma regra determinada para se experimentarem os espíritos. O apóstolo Paulo prescreve tal regra à sua Igreja: “Portanto vos faço saber que ninguém que fala pelo Espírito de Deus diz anátema a Jesus. E ninguém pode dizer Senhor Jesus senão pelo Espírito Santo (I Coríntios, XII, 3).⁸

Meus caros ouvintes, isto vos parece, certamente, espantoso, mas é a pura verdade. Nas assembléias dos primeiros cristãos podia acontecer que uma inteligência, falando por um profeta inspirado – empregado o termo profeta na sua mais larga acepção –, lançasse maldição sobre o Cristo. A regra dada por Paulo não tem por si nenhuma eficácia, mas fornece um testemunho da compreensão que então se tinha dessas coisas. Os profetas ou *pneumáticos* dos tempos apostólicos ou dos primeiros cristãos são a mesma espécie de indivíduos a que, *presentemente*, chamamos médiuns ou *sujets* psíquicos. A tal respeito nenhuma dúvida subsiste entre os que têm estudado as duas partes: tanto os fenômenos que o Novo Testamento relata como os fenômenos psíquicos que o Espiritismo agora apresenta. Todos os dons espirituais de que fala Paulo, ora atribuídos aos médiuns atuais, eram bem conhecidos.

A mediunidade tem numerosas modalidades, exatamente como os dons espirituais do tempo de Paulo. E quem eram, afinal, esses indivíduos inspirados, segundo a concepção apostólica? É isso justamente o que hoje significa a palavra *médium*.

Alguns dos meus honrados ouvintes pensarão, talvez, que a mediunidade deve ser olhada como coisa insignificante ou desprezível. Penso de maneira diametralmente oposta. Estão possivelmente próximos da verdade os que julgam ser ela, de algum modo, a demonstração do desenvolvimento espiritual e que toda a humanidade, no futuro, possuirá esses dons, já previstos por muitos profetas do Antigo Testamento.

Creio ter sido Sr. Arthur Conan Doyle quem denominou a mediunidade uma faculdade sagrada e nesse ponto parece-me estar ele de acordo com o apóstolo Paulo, que chamava essas misteriosas forças *dons espirituais* (*charismata*).

Considerava ele, portanto, como uma graça particular de Deus o ser alguém provido desses dons. Seguramente era por essa razão que os apóstolos possuíam essas faculdades pelas quais podiam entrar em relação com o Mestre bem amado, depois de ter ele sofrido a humilhante e dolorosa morte na cruz.

Talvez alguns dentre vós não tenhais jamais assistido a uma sessão experimental com um médium em transe. Pensareis, bem provavelmente, que será uma coisa maravilhosa ir a uma sessão espírita e ouvir falar um médium de incorporação. Imaginai, agora, como ficaríeis espantados se estivésseis na sala incontestavelmente simples em que se realizavam as reuniões da Igreja de Corinto e escutásseis os *pneumáticos* discorrerem em êxtase (isto é, em transe), se os ouvísseis descreverem as visões e as revelações que obtinham. Mas o que mais vos espantaria seria ver o apóstolo Paulo e ouvi-lo falar em diferentes línguas, pois que nisso o Novo Testamento proclama ser ele um mestre. Segundo a Escritura Sagrada, ele possuía, no mais alto grau, todos os dons espirituais, porém se vós estais tomados de espanto, deveis também ficar estupefatos porque tanto um como o outro desses fenômenos se produziam no estado de transe.

O 13º capítulo da 1ª Epístola aos Coríntios, o cântico sobre o amor, nos faz perceber com que ardor e com que inspiração ele falava quando se achava sob a influência de um mundo superior. O próprio Paulo nos diz que estava freqüentemente em transe. O apóstolo Pedro conta-nos a mesma coisa. Na tradução dinamarquesa da Bíblia inglesa encontrá-la-eis muitas vezes. Da própria Bíblia foi que o termo *transe* (êxtase) passou para a linguagem comum.

Compreendeis agora porque devem ser identificados os espíritos e também experimentados. Isto se fazia, provavelmente, pela clarividência (tal qual hoje) que Paulo considerava como o melhor auxílio nessas relações. Comparai agora tudo isso com o que se passa atualmente nas sessões espíritas. Do que aprendi

posso assim ensinar: Quando a faculdade mediúnica está bastante desenvolvida para permitir uma comunicação verdadeira, as inteligências que se manifestam pelo médium e que exercem sobre ele sua ação pedem que se entoem cânticos ou que se façam preces, e isso a fim de que o ambiente fique tão harmonioso quão possível e que todos os assistentes sintam a maior simpatia uns pelos outros. Essas relações harmoniosas e fraternas ajudam os bons espíritos nos seus esforços para estabelecer uma comunicação perfeita e afastar os espíritos inferiores que procuram, com afã, captar forças em seu proveito, para fazerem o mal.

Penso, por esta razão, que devemos ser muito prudentes, especialmente no começo, quando nos queiramos ocupar de experiências psíquicas ou de sessões espíritas.

Estou convencido de que o médium pode sofrer com isso se não tivermos a previdência e a vigilância necessárias. A organização das sessões é uma coisa muito séria e a tais sessões deveríamos ir sempre com o mesmo sentimento piedoso que, em geral, nos inunda quando entramos na Igreja.

Ninguém deveria ocupar-se dessas experiências sem conhecimento do assunto. Em particular, todas as naturezas, que não fossem harmoniosas, deveriam manter-se afastadas. Não é demais lembrar que a possessão é uma realidade e que o médium e talvez mesmo um dos assistentes podem cair sob a influência de espíritos atrasados, se houver facilidade para isso.

Sei, é verdade, que muitos teólogos modernos, não somente das universidades alemãs, negam grande parte dos milagres do Novo Testamento ou continuam a explicá-los como dantes, notadamente a cura do possesso pelo Cristo. Eles crêem que o Cristo se enganou e agiu, neste caso, como um homem do seu tempo. Estou convencido de que as pesquisas psíquicas darão razão ao Cristo e aniquilarão o racionalismo superficial que, no fundo, é apenas fruto da psicologia materialista de nossa época.

O Espiritismo tem sustentado, desde o seu advento, a exatidão da concepção do Novo Testamento sobre esse caso.

Dois dos mais eminentes psiquistas americanos, o Dr. James H. Hyslop e o Dr. Walter F. Prince, escreveram importante

trabalho para demonstrar a realidade da possessão em nossos dias.

Penso agora, mais do que nunca, no grosso volume sobre a Srta. Doris Fisher (*The Doris Fisher Case*), mas os teólogos racionalistas parecem nem sequer suspeitar da existência de tais obras. Continuam a ver nos relatos do Novo Testamento, sobre os milagres, apenas um resto de superstições. E continuam a ensinar-nos que podemos considerar o Cristo como o grande Mestre e Salvador de toda a Humanidade, mesmo que ele se tenha enganado sobre tão graves questões, mesmo que ele haja pensado que expulsara espíritos quando não fazia mais do que fustigar, pela sugestão do inconsciente, a vontade flácida e os nervos esgotados de pessoas fracas. Pensai bem como todo esse raciocínio é absurdo, como podemos nós dizer do Cristo tais coisas e assim mesmo nos ser ainda possível crer nele!

Não! A verdade é que muitas coisas, na concepção da teologia moderna a respeito do sobrenatural, ou mais exatamente sobre o supranormal, enterraram a crença no Cristo que o Novo Testamento sempre nos mostrou. Por isso penso também que a Igreja cristã devia ser grata aos pesquisadores psíquicos por tudo quanto eles têm feito em favor da reabilitação da Bíblia. Muitos deles têm declarado que, apesar de terem sido outrora completamente agnósticos, não encontraram mais obstáculos à aceitação de todos os fatos do Novo Testamento.

Conquanto, após 17 anos de pesquisas nesse terreno, eu não tenha a menor dúvida de que os primeiros cristãos acreditavam ter relações com o mundo invisível, sou, entretanto, de opinião que as suas representações da vida espiritual foram muito imprecisas, o que é, aliás, muito natural. Nosso conhecimento das leis do Universo é consideravelmente mais vasto do que o seu. Que progresso enorme fez a humanidade no transcurso das últimas gerações! Entretanto somos ainda bastante ignorantes nesse assunto. Sim, esta espécie de pesquisas apresenta-se bem difícil, e, mais especialmente ainda, quanto às relativas aos fenômenos ditos psicofísicos.

Surpreende-nos ver até onde foram homens de ciência como Sr. William Crookes e o Dr. W. F. Crawford na Inglaterra, o

barão Schrenck-Notzing na Alemanha, Madame Bisson e Dr. Gustave Geley na França; e, entretanto, eles confessam saber muito pouco acerca das leis que regem os ditos fenômenos. Quanto à realidade dos fenômenos, não tiveram a menor dúvida.

No banquete solene que encerrou o Congresso Psíquico de Copenhague, o Dr. Schrenck-Notzing já exprimia a opinião de que, dentro de poucos anos, o combate a esses fenômenos equivaleria a uma prova de ignorância. Vê-se muito bem que os fenômenos mencionados no Novo Testamento são os mesmos verificados hoje, efetivamente, pelos investigadores científicos; eis o que deveria despertar o interesse dos homens da Igreja.

Se todos esses fenômenos de nossa época fossem explicados pela teoria animista (isto é, pelas forças ocultas na alma dos vivos), esta mesma teoria se aplicaria aos fenômenos bíblicos e não haveria razão para crermos que fossem produzidos pela ação de um mundo mais elevado. Que conseqüências teria tal resultado das pesquisas psíquicas para a Igreja! Entretanto, se se evidenciar que alguns desses fenômenos só podem ser explicados pela hipótese espírita, o Espiritismo e as Pesquisas psíquicas reabilitarão a Bíblia, de modo definitivo.

Quando obtemos provas da existência de um mundo espiritual e da possibilidade de entrarmos em comunicação com os mortos, não há a menor razão para duvidarmos de que certos indivíduos tenham podido estar em relação com o mundo dos espíritos, tanto na época do Antigo Testamento como nos dias dos apóstolos. E não se diga que são apenas os “espíritas, pobres de espírito” que crêem na possibilidade da “comunicação” entre nós e os nossos queridos mortos, pois muitos e notáveis homens de ciências são da mesma opinião. Tomemos por exemplo Sir Oliver Lodge. Conheceis o seu ponto de vista pelo seu livro *Raymond*, que acaba de ser traduzido em dinamarquês. É incontestavelmente um dos sábios mais conhecidos da Terra.

Ou então, pensai no célebre naturalista Alfred Russel Wallace ou em Sir William Barrett, que foi, por mais de 30 anos, professor de Física Experimental na Universidade de Dublin.

Em carta dirigida ao Congresso de Pesquisas Psíquicas, ele declarou estar, depois de mais de 50 anos de pesquisas ocultas,

absolutamente convencido de que, pelos fenômenos, entramos em comunicação com um mundo invisível, com aqueles que já nos precederam nas regiões do Além.

O muito crítico, mas distintíssimo psiquista americano, dr. James H. Hyslop, falecido em 1920, assim se exprimiu em uma das suas últimas obras: “considero cientificamente provada a existência dos espíritos desencarnados e não faço a tal respeito nenhuma concessão aos cépticos (como se eles pudessem ter o direito de discutir tais questões). Quem não aceita a existência dos espíritos desencarnados e a prova de sua existência ou é um ignorante ou um covarde moral”.

É estranhável que a maior parte dos homens da Igreja, nos países escandinavos, não volva suas vistas para as notáveis coisas que se produzem diante deles! Na Inglaterra sucede o contrário: entre os pioneiros do movimento espírita se encontram não poucos religiosos. Mostraram-me em Londres uma lista de nomes de mais de 50 eclesiásticos que se interessam pelas pesquisas psíquicas ou são espíritas convictos. Permitti-me citar somente alguns nomes. O pastor Arthur Chambers, hoje falecido, escreveu, sobre as relações do Espiritismo com a Igreja e o Cristianismo, numerosos livros, dos quais só um teve 120 edições.

Thomas Colley, pastor em Stockton, trabalhou por mais de 30 anos na difusão do Espiritismo, tendo obtido os mais notáveis fenômenos com um outro pastor que lhe servia de médium. O pastor Charles L. Tweedale escreveu uma das melhores obras que existem sobre as ciências psíquicas e não há, absolutamente, espírita mais convicto do que ele. Até mesmo do alto do seu púlpito ele se exprimiu a tal respeito e o resultado é ser a sua Igreja mais freqüentada agora do que dantes.

Mais bem conhecido ainda é o pastor inglês George Vale Owen, de Oxford. E isto por ter tido Lord Northcliffe a iniciativa de publicar as comunicações de escrita automática desse pastor num dos jornais mais vulgarizados, o *Weekly Dispatch*.

Conheço pessoalmente o pastor Vale Owen e considero uma felicidade poder contá-lo no número dos meus amigos. Fiz-lhe uma visita no verão de 1919 e, no corrente ano,⁹ fui novamente

ao seu presbitério. É um homem maravilhoso, um verdadeiro servo de Deus. Contou-me ele que lhe foram precisos dez anos para se convencer da realidade dos fenômenos espíritas e, em seguida, mais quinze para ficar certo de que se podia receber mensagens do Além. Após esses vinte e cinco anos, começou ele próprio a escrever automaticamente.

Depois de sua prece noturna, ainda com suas vestes sacerdotais, ele ia para a sacristia e ali começava a escrever as mensagens que recebia e que mais tarde foram publicadas no referido jornal, mensagens essas que muitos consideram a mais perfeita descrição do Além recebida até hoje.

As mensagens apareceram sob a forma de uma obra dividida em quatro tomos.¹⁰

Logo que os primeiros números do *Weekly Dispatch* saíram à venda com a publicação dessas mensagens mediúnicas, um dos seus vizinhos colegas trovejou do alto do seu púlpito, criticando-as em termos violentos.

Passados seis meses o mesmo pastor foi a Oxford falar com Vale Owen, pediu perdão ao seu colega e confessou que a leitura das mensagens mediúnicas, que ele havia condenado sem ler, lhe tinha causado grande alegria e muito conforto. E pediu-lhe em seguida que fosse à sua casa, no outono, e pregasse em sua Igreja.

Um dos pregadores que melhor tem defendido o Espiritismo na Inglaterra é o Doutor em Teologia, Percy Dearmer, que durante a guerra muito trabalhou em prol da união cristã dos moços.

Há alguns anos o Dr. Dearmer escreveu um excelente e profundo artigo no jornal religioso *The Guardian*, onde dizia, entre outras coisas, o seguintes: “Uma porção de homens e senhoras, em todo o país, ficaram, neste ano, convencidos de que falaram com caros entes desaparecidos, como se estes ainda existissem. Esses não mais receiam a morte, antes a encaram com uma serena expectativa. Não se preocupam em demasia com as coisas terrestres e não mais os atormentam dúvidas sobre o invisível. Deus lhes tornou tangível a Grande Realidade e eles ficaram cristãos mais verdadeiros do que tinham sido até então.”

Devo lembrar-vos ainda que um dos maiores luminares da Igreja Anglicana contemporânea, o primeiro deão Basil Wilberforce, falecido em 1916, que não era só pastor da célebre abadia de Westminster, mas também capelão da Câmara dos Comuns e, mais especialmente, orador afamado da Universidade de Oxford, estava convencido de que podemos entrar em comunicação com os nossos mortos e exprimia, ao menos indiretamente, nos seus sermões essa convicção.

Durante minha estada em Londres, neste verão de 1921, fiz uma visita ao conhecidíssimo pastor F. Fielding Ould. Há muito tempo que ele se entregava às pesquisas psíquicas e está convencido de que é exata a explicação espírita dos fenômenos. Várias obras escreveu sobre a questão, entre outras essa que tem o título característico: *Is Spiritualism of the Devil?* (O Espiritismo é obra do Diabo?). De nenhuma forma dissimula ele a sua convicção; ao contrário, afirma que seria uma falta calar-se alguém quando chega ao conhecimento de questões tão importantes. Porque, na sua opinião, o Espiritismo já fez infinito bem e assumiu para muitas pessoas grande importância. Para elas, diz, é uma nova revelação, dá-lhes uma convicção sólida e lhes abre as portas de um mundo até então desconhecido e de uma beleza nunca imaginada”.

Em pequena brochura que editou na primavera, escreveu ele em certo trecho: “O leigo terá uma representação mais bela e mais espiritual de Deus e do Cristo lendo *After Death* (Depois da Morte) de “Júlia” do que esmiuçando os cinquenta volumes de Tomaz de Aquino”.

Não é digna de vossa atenção a circunstância que me foi referida, na capital inglesa, de ser amigo íntimo do Bispo de Londres, o pastor que tão corajosamente trata de tais assuntos? Por que ousa assim formular tão abertamente o seu pensamento? Simplesmente porque estuda estas questões há muitos anos e conseguiu reunir a ciência à sua fé. É a nova *ciência*, esta que vos dá a coragem de avançar até onde nós estamos, convictos de que é a verdade e que tudo isto é de uma importância enorme para a Igreja e para a Humanidade inteira.

O mesmo pastor, escrevendo em um dos jornais ingleses um artigo sobre Joana d'Arc, lembrou que a mesma Igreja, que havia mandado queimar a virgem de Orleans, fez dela, quinhentos anos depois, uma santa. E ao mesmo tempo explicou que tão certamente Joana d'Arc mantinha comunicação com um mundo mais elevado quanto é certo que, em nossos dias, conversamos com os mortos. E terminou o artigo com estas palavras que nos parecem proféticas: “Não levará a Igreja menos de 500 anos para meter isto na cabeça, na sua bela cabeça, mas um pouco dura”.

Não vos escondo que sou da mesma opinião que esses religiosos ingleses. Por isto é que constituiu para mim uma viva alegria encontrar-me com um deles no Congresso de Copenhague: O pastor Drayton Thomas, cuja exposição foi uma das mais convincentes das que ouvimos. Ele obteve um dos mais maravilhosos *book-tests* e *newspaper-tests* de seu próprio pai, que fora também pastor, pela célebre médium Sra. Leonard.

Assim, deveis compreender bem que possamos falar de um desenvolvimento da antiga revelação, no antigo caminho em que os profetas e os apóstolos dos velhos tempos cristãos recebiam os seus ensinamentos.

Devemos reconhecer que muitas coisas novas, em nossos dias, tem aparecido por via do Espiritismo superior e que estas coisas nos têm ajudado a compreender o Cristianismo melhor do que nos tem sido possível até agora e a esclarecer questões que até então tinham permanecido incompreensíveis.

Como nos ensinaram o Espiritismo e as pesquisas psíquicas a compreender a força do pensamento!

As leis da telepatia têm inúmeras conseqüências para a vida religiosa. Os pensamentos não são, seguramente, dispensados de fiscalização.

Vosso caráter é essencialmente formado, constituído pelos vossos pensamentos. Por vossos pensamentos exerceis uma influência contínua sobre outros homens, sem que os suspeiteis. Pelo poder do vosso pensamento estendeis vossa influência até o mundo invisível. Pelo telégrafo sem fio do pensamento podeis enviar vosso coração pelo Universo em fora e podeis estar certos

de que ele será captado em uma das incontáveis estações ou na grande estação central.

O Espiritismo e as pesquisas psíquicas nos ajudam a compreender que o Cristo falava de uma realidade tangível quando insistia na importância da prece.

Mercê dos novos conhecimentos da telepatia, compreendemos agora que a inspiração é um fato, uma lei do Universo, tão real no nosso tempo quanto na época dos apóstolos e por isso nós não temos nenhuma dificuldade em crer que a Bíblia tem muito de inspirada, mas a consequência que daí decorre é que, em virtude da mesma lei, devemos pensar que em nossos dias podem aparecer muitos livros inspirados. Temos, assim, obtido uma idéia muito mais completa da inspiração. A inspiração não nos dá, entretanto, garantia alguma de que a Bíblia não tenha falhas. O que é inspirado é sempre mais ou menos colorido pela própria consciência do profeta ou da pessoa inspirada. Daí se conclui claramente que se deve ter na revelação, como em qualquer outro assunto, um desenvolvimento.

Sir Arthur Conan Doyle proferiu a palavra salvadora e encontrou a fórmula conveniente aos pensamentos expressos de muita gente quando deu a um dos seus livros o título: *A Nova Revelação*.

Esta nova concepção veio precisar a nossa idéia da ressurreição e da vida após a morte.

Quão perturbador era o pensamento da ressurreição do corpo no dia do juízo final e quão ininteligente o pensamento de que com a morte seria determinado o nosso destino eterno!

A quantas pessoas tem afugentado da Igreja esse terrível ensinamento dos eternos suplícios do inferno! E quão desoladora essa idéia do repouso na tumba ou da vida irreal até o dia do julgamento!

Não devia a Igreja ser reconhecida aos espíritas e aos pesquisadores psíquicos por todo o conhecimento novo que eles puseram em foco nesse domínio? Efetivamente, as novas idéias começaram já a infiltrar-se em todas as igrejas, mesmo entre

esses pregadores religiosos que ainda atacam o Espiritismo a cutiladas e que são contrários a todas as investigações psíquicas. Reconhecesse a Igreja ter chegado verdadeiramente a sua hora e seria tão reconhecida quão jubilosa.

O Dr. Hyslop disse, certo dia, que em nossa época “uma ocasião áurea” (*golden opportunity*) se havia verdadeiramente apresentado e com ela um meio de pormos em fuga o falso materialismo e obtermos os mesmos fenômenos sobre os quais se edificou o Cristianismo original, de termos, enfim, provas da existência do mundo invisível e da continuação da vida após a morte do corpo.

Lembremo-nos de que esse meio – provar a continuação da vida – parece, indubitavelmente, ter sido o que o Cristo adotou. Se alguma coisa é bem certa, é esta: Ele fez um grande esforço para convencer seus discípulos de que ele vivia, apesar de seu corpo ter sido crucificado. Apareceu-lhes sempre repetidamente e o próprio Tomé teve, por fim, de abandonar a sua dúvida. O Cristo não quereria enviá-los mundo a fora com uma fé vacilante e uma incerta esperança. Não, ele lhes forneceu provas irrefutáveis que podiam palpar e sentir. Se lhe parecia tão importante entreter-se assim com eles, dar-lhes uma convicção inquebrantável como a rocha, não seria também permitido aos nossos mortos falar conosco, quando quisessem?

Duvidam muitos de que seja, em geral, lícito fazer sessões para entrar em relação com um mundo mais elevado. Citam, normalmente, o 1º livro de Samuel, cap. 28, onde se diz que o Rei Saul foi consultar a pitonisa de Endor e julgam que isso não é um exemplo a imitar-se. Penso que seria melhor recordar uma outra cena que é, sem dúvida, de maior valia e que é comentada em três dos evangelhos do Novo Testamento: aquela a que comumente se chama Transfiguração do Tabor. O Cristo escolheu, ele próprio, três discípulos mais psiquicamente dotados e levou-os consigo para o alto da montanha. Quando caíram todos os três em transe, ou em um sono igual ao transe, como sabeis, apareceram dois mortos: Moisés e Elias, e o Cristo conversou com eles. O Evangelho segundo Lucas nos informa

que o assunto da conversa foi a morte do Cristo, então discutida em Jerusalém.

Acreditais verdadeiramente que Jesus estivesse, então, cometendo um pecado? Deveríamos todos ter bastante raciocínio para compreendermos que ele foi o grande precursor nesse domínio.

Durante a sua existência terrestre, ele falou com Elias e Moisés. Depois de sua morte manifestou-se a seus discípulos por uma forma em grau ainda não atingido. Tudo isto não pode ficar por mais tempo oculto, por tanto tempo quanto tivemos o Novo Testamento.

Os padres e os bispos da Igreja Cristã não deveriam deixar de lembrar-se disto, quando, em nossos dias, discutem sobre as pesquisas psíquicas.

Grandes transformações e enormes subversões ocorrem em nossa época, até mesmo no terreno religioso e, inevitavelmente, a Igreja terá de lutar contra grandes dificuldades. Um pouco do antigo deve ruir, de modo que logo o novo apareça.

Muita gente tem grande dificuldade em compreender as mutações que marcham inevitavelmente com o progresso, com o desenvolvimento espiritual. E, entretanto, a transformação consiste, principalmente, no rejuvenescimento do que é velho.

O obsoleto é renovado. A confusão espiritual que ora vemos generalizar-se não é uma revolução; é, antes, uma reforma ou uma evolução. Mas que muitos a consideram uma revolução, isto não se deve estranhar: não realizamos nós o progresso da descoberta de um mundo invisível e da possibilidade da comunicação com os mortos que vivem em esferas mais elevadas da existência? Uma tal descoberta necessariamente acarreta uma grande transformação. Cada descoberta provoca sempre alguns desconsertos. Algo de arcaico deve desabar, porque se patenteia anacrônico. Isto intimida a todos os que têm medo da novidade, mas se se consideram as coisas de mais perto, vê-se que, no fundo, a mudança é o aperfeiçoamento do antigo, mas de nenhum modo o seu aniquilamento. Por toda parte encontramos a lei do crescimento e do desenvolvimento. O novo é o melhoramento do velho.

No lar paterno, na Islândia, quando eu era ainda criança, via sempre, pelas sombrias noites de inverno, minha mãe e minhas irmãs andarem pela casa com a luz. E ao fraco clarão da candeia de azeite de peixe é que eu tinha de fazer os meus primeiros deveres escolares. Quando tinha mais idade, meu pai comprou uma lâmpada de querosene. Lembro-me ainda do dia em que foi aceso: eu não podia mais tirar os olhos do novo lampião, tanto ele me deslumbrava. Quando era estudante na Dinamarca, conheci a iluminação a gás e mais tarde a luz elétrica. Julgo, hoje, a eletricidade assaz preferível a todas as luzes e espero que ela faça com que desapareçam as outras. Entretanto, se essa transformação se operar não será um aniquilamento da luz que brilhava na candeia, mas um melhoramento, um magnífico aperfeiçoamento: a luz não pode estar fora de um aparelho. Não condenamos, porém, a luz, mesmo relegando a candeia, o lampião de azeite de peixe, o lampião de querosene e os bicos de gás, e empregando em seu lugar as lâmpadas elétricas.

O mesmo acontece com as nossas concepções religiosas, com as nossas formas de crenças. Elas devem modificar-se na mesma medida em que crescem a fé e a razão e se desenvolvem e se tornam mais perfeitas. Estou, pois, inteiramente de acordo com Sir Arthur Conan Doyle, quando declarou: “Possuímos a força construtiva das provas, mas não pedimos uma ruptura violenta da fé antiga. Oferecemos uma ciência aceitável e não uma diminuição do valor espiritual que o indivíduo possui”.

Reconheço que vivemos numa época de transição e uma tal época tem sempre as suas dificuldades. Por outro lado, nenhuma geração viveu, como nós, acontecimentos tão consideráveis como os que nos têm sucedido. Não me refiro à Grande Guerra, mas penso nos magníficos fatos das pesquisas psíquicas: alguns de nós temos obtido provas irrefutáveis de que estamos em comunicação com os nossos caros desaparecidos e de que estes já têm tentado dar-nos explicações sobre essa vida na qual ingressaremos em breve. Assim, todo o medo da morte está dissipado, receio este que provém especialmente das representações imprecisas e inexatas que temos imaginado da sobrevivência.

Estou convencido de que as pesquisas psíquicas darão a toda a humanidade provas da continuação da vida de além-túmulo. Estou também convencido de que isto exercerá poderosa influência sobre a vida religiosa dos homens.

Que enorme consolo o Espiritismo e as pesquisas psíquicas têm trazido aos que estão de luto!

Ninguém pode predizer a que profundidade se efetuará a difusão da nova ciência da vida humana.

Certo e incontestável é que a Igreja ficará em perigo se os sacerdotes permanecerem por muito tempo, em face destas questões, na sua ignorância e no seu desprezo habituais.

E o perigo reside justamente nisto: que o muito grande conservantismo da Igreja e sua hostilidade contra tudo que é novo ajudem o Espiritismo a transformar-se numa seita religiosa, o que justamente não deverá acontecer. É esse o falso caminho, penso eu, que ele tomou na Dinamarca.

Bem entendido, o Espiritismo não é uma religião e sim uma ciência, mas essa ciência é de uma importância extraordinariamente grande para a religião.¹¹ Possam os religiosos da Escandinávia reconhecer o que há de novo e de precioso nesse movimento!

Estou certo de que não se formarão mais associações espíritas particulares desde que os eclesiásticos façam ver, em seus sermões, o que há de bom e de verdade no Espiritismo. As igrejas de cada país encher-se-iam.

Mas, se temos obtido provas absolutamente indiscutíveis de que a morte não põe termo à vida, que há de mais importante para nós do que a própria Verdade? Se uma revelação mais nova, mais completa, da verdade se verifica em nossos dias, se a clara luz de uma ciência nova cai sobre nós do “céu aberto” de Deus, devemos ainda ater-nos a frases dogmáticas e a conhecimentos teológicos ou decisões, aliás, só aceitas em concílios, após longas e tempestuosas discussões? Não, a ciência atual deve induzir-nos ao sagrado dever de testemunhar, de maneira razoável, o que para nós se tornou a grande Verdade, ainda que outros contradigam, sem terem tido ocasião de ver nem de ouvir

o que nós vimos e ouvimos. Já suportamos facilmente um pouco de zombaria e de ridículo.

Era o amor à verdade que Jesus exigia dos seus discípulos. Ele mesmo pôs em destaque, num dos instantes mais importantes da sua vida terrestre, que a sua dignidade soberana consistia em testemunhar a favor da verdade. Não temos missão mais bela do que tentarmos, nesse terreno, seguir as pegadas do Mestre.

Podemos ter confiança: o teólogo alemão falou a verdade quando declarou que a verdadeira piedade é buscar Deus e querer achá-lo como ele é, e não como os dogmas da Igreja exigem que Ele seja.

Cada nova descoberta e cada novo conhecimento são revelações d'Ele. Quanto mais aprendemos a melhor conhecer as leis do Universo, tanto do mundo visível como do invisível, mais sabemos a respeito de Deus, porque toda a criação dá testemunho d'Ele. Deus não segue a um ou a outro partido. Ele está sempre do lado da Verdade. Eis porque o servem todos os pesquisadores, todos os que, acima do respeito humano, estão prontos a honrar unicamente a Verdade.

A Igreja deve, antes de tudo, aprender a buscar a Verdade, sob pena de ver arrebatado-se-lhe o facho. Eis por que é preciso recordar-lhe, como convém em nossos dias, as profundas palavras de Paulo: “Não abafeis o espírito, não desdenheis os profetas, examinai tudo e aceitai o melhor”.

III

O problema da morte

Tudo no futuro é incerto, exceto que morreremos todos. “Devemos todos pagar esta dívida”, dizia o grande orador Skarphjeddinn Njalsson, há cerca de 900 anos. Isso porque a morte é a coisa mais certa da Terra, coisa que suportaremos todos e à qual ninguém escapará. Existe, pois, razão suficiente para que procuremos compreender o que é a morte.

Falamos, muitas vezes, da vida e da morte como grandes antíteses. Há aí, evidentemente, um grande erro. Estaremos muito mais perto da verdade se considerarmos a morte como um grande elo da cadeia da vida ou como um passo na imensa escala da vida evolutiva.

Ninguém pode fazer uma idéia exata da vida antes de compreender o que é morte. As pessoas incrédulas assim como as pessoas crédulas são forçadas a concordar que a nossa concepção desta existência terrestre seria toda outra se houvesse uma continuação da vida em graus mais elevados da existência do que se tivéssemos provas certas de que nosso espírito ou nossa consciência são para sempre aniquilados com a morte do corpo. Estas razões deveriam levar cada geração a adquirir, sobre a morte, todos os conhecimentos que é possível ao homem descobrir e a geração atual tem um motivo particular para pesquisar o problema, porque a grande guerra nos tem como estendido sobre um planalto, para me servir de palavras das Escrituras.

Em conseqüência do horrível massacre de homens em todas as nações beligerantes, o luto e o desespero se apossaram de numerosas famílias e não é sem razão que uma parte da Humanidade, nestes últimos anos, foi chamada “um mundo em lágrimas”. Demais, não havia necessidade de uma guerra para convencê-los. A morte não faz tréguas; ela está sempre em atividade, porém a nossa inação é tão grande que a nossa atenção só desperta quando algo de extraordinário se produz.

Várias centenas de milhares de homens morrem cada semana, na Terra, ainda que não haja guerra. Nenhum acontecimento é tão banal como a morte. Não é surpreendente que os homens tenham ficado inteiramente desprovidos da compreensão, ou ao menos da ciência exata, desse acontecimento natural, o mais comum?

A religião, é verdade, nos ensina, assim o Cristianismo como muitas outras religiões, que no momento da morte a alma abandona o corpo e ingressa num mundo mais adiantado, mas todas as religiões só o ensinam como artigo de fé, sem que dêem alguma prova em apoio desta afirmativa. Ainda que a Igreja Cristã pretenda, obstinadamente, que a ressurreição do Cristo seja um acontecimento histórico, um fato real, não se aventura até a pretensão de que possui conhecimentos ou uma ciência acerca da sobrevivência e do destino da alma, depois da morte. Ela, porém, exige que creiamos no que nos ensina.

A ressurreição do Cristo perdeu um pouco da sua importância junto a todas as gerações em vista dos dogmas da Igreja com referência à situação particular do Nazareno. Crê-se que Jesus ressuscitou no terceiro dia depois da morte de seu corpo e a maior parte da gente julga que o corpo, com o qual apareceu, é o seu corpo terrestre, que ele, de novo, animou e fez sair do túmulo. É por causa disso que a Igreja Cristã não tem a coragem de dizer que todos, dessa maneira ou de outra semelhante, ressuscitarão como ele, pois que ela própria ensina que nosso corpo se putrefaz na tumba e se torna pó, o que não se deu com o corpo de Cristo. De outro lado, pretende-se que a ressurreição do Cristo, no terceiro dia, é uma garantia da ressurreição de todos os homens no dia de juízo final. Entretanto, do ponto de vista da lógica, isso deveria parecer uma consequência assaz temerária.

Perguntamos, involuntariamente: “Onde fica a alma desde o instante em que ela desaparece com a morte do corpo até o momento em que reaparece, no dia do juízo, no corpo ressuscitado?” Neste ponto, a maior parte das concepções é muito vaga.

Uns falam de um sono no túmulo, outros de um estado intermediário, porém estas duas opiniões são restos de velhas

crenças judias e, indiscutivelmente, bem diferentes da que o próprio Cristo ensinou. Sua própria idéia do que se passa no momento da agonia parece-me estar claramente expressa na parábola do rico e do pobre Lázaro. As palavras que ele dirigiu ao ladrão moribundo na cruz: “Hoje estarás comigo no paraíso”, exprimem bem o seu pensamento.

A conseqüência dessas concepções imprecisas e da falta de pronúncia da Igreja sobre o assunto é que quase todos pensam, continuamente, nas sepulturas, quando se lembram dos seus mortos.

No monumento fúnebre uma inscrição está gravada, dizendo que tal pessoa repousa lá, como se o desencarnado dormisse sob a pedra tumular. E, em suas preces e cantos fúnebres, ouvimos muitas expressões que não podemos compreender senão nesse sentido. Daí a origem da preocupação dos túmulos e os gastos de importâncias elevadas na construção de monumentos nas necrópoles.

Há pessoas que crêem que os seus parentes desaparecidos vão ressuscitar, no dia do juízo final, desses túmulos que ornaram e nos quais não depositaram senão corpos sem almas. Tudo isso contribui para enfraquecer a crença na vida eterna. Essas pessoas são assaltadas pelas mais terríveis dúvidas quando lhes pedem para crer que todos os átomos, que constituíram o corpo de seus mortos e que passaram a outras combinações materiais se reunirão, no dia do juízo final, para formar o corpo da ressurreição.

Se a esperança da imortalidade deve estar ligada a uma ressurreição do corpo terrestre, no dia do juízo, repousa ela então em alicerces bem fracos. Assim é para muitos como para a mulher do pastor Brand, na obra de Ibsen. Lembrareis, certamente, da conversa entre os dois esposos na noite do Natal, depois que perderam o filho. Quando Inês sonha com o filhinho, ela crê que ele sai do túmulo com a mesma camisa que trazia o cadaverzinho deitado no caixão. É, em grande parte, culpa da Igreja que as mães se comportem dessa maneira quando perdem seus filhos. Elas pensam que a criança dorme no túmulo frio e que seu cadáver é ela própria.

É verdade que a Igreja diz, e o poeta o faz dizer também por Brand, que é somente o cadáver que jaz na sepultura e que a criança já se evoluiu para o céu. Mas é porque a Igreja afirmou, ao mesmo tempo e da maneira mais precisa, que o corpo da criança ressuscitará do túmulo no dia do juízo final que a mãe enlutada volve, naturalmente, os seus pensamentos para os despojos materiais da mesma. Isto se torna mais compreensível quando pensamos quão vagas são as indicações que a Igreja nos dá acerca da sorte das almas, desde o momento da morte até o dia da ressurreição.

Muitos sacerdotes alimentam a fé em Inês com suas preces fúnebres. Eu mesmo ouvi religiosos dizerem, sobre túmulos, que o desaparecido devia ali repousar até o dia da ressurreição e que o sono lhe seria tranqüilo e jamais perturbado. Somente nesse dia é que se o reencontraria. Outros padres, ao contrário, são bastante honestos para confessarem que, efetivamente, a Igreja nada sabe acerca do estado dos trespassados, a partir do momento em que a consciência desaparece com a morte do corpo. É possível que alguns dos meus ouvintes pensem, em silêncio: “Fazei-nos, agora, uma exposição dos pontos de vista da Igreja, que não concordam com a Verdade. Os sacerdotes não têm mais estas concepções tão velhas”.

Afirmo-vos, aqui, que não estou exagerando. Legítimos padres ainda pregam dessa maneira e pensam, certamente, que é este o ensino luterano puramente ortodoxo.¹²

Em uma alocução fúnebre que pronunciou certo pastor bem conhecido, na Islândia, em 1907, a morte foi chamada a “rainha dos espantalhos” e o que está no alto e o que está embaixo devem obedecer ao seu mando de avançar no horrível caminho que conduz à noite no túmulo.

Durante muitos anos estudei, em todos os livros que pude obter, a descrição do estado da Igreja durante os primeiros séculos. E mais de uma vez fiz viagens à Inglaterra a fim de conseguir tais livros. No decurso desses estudos, uma coisa se me afigurou claramente: os cristãos consideravam a morte de outra maneira que não a nossa. Suas concepções sobre essa questão estavam tão afastadas das idéias judaicas quanto da dos

pagãos. Eles criam que o trespassado não desaparecia realmente para eles: a comunhão com o desencarnado não se romperia. Consideravam a morte como uma elevação, uma honra, uma magnificência, porque acreditavam que a individualidade e a consciência do desencarnado permaneciam as mesmas e que aquele que amara outras criaturas a elas se achava também ligado depois da morte.

Podemos ler nos livros dos padres da Igreja que era costume deles celebrar o dia da morte como o dia do nascimento, pois que o trespassado ingressará em nova vida, vida essa eterna. Um enterro cristão, naquela época, estava em oposição direta ao luto e à nota sombria que caracterizam todos os funerais de hoje.

Os primeiros cristãos levavam palmas e ramos de oliveiras nos cortejos fúnebres, porém ramos de ciprestes eram proibidos, porque o cipreste era o símbolo da tristeza. Entoavam, junto ao cadáver, cantos em que davam livre curso à alegria e ao regozijo triunfantes. O mesmo faziam no caminho que ia da casa ao cemitério (Cf. Lyman Coleman: *Christian Antiquities* (Antigüidades Cristãs). Rejeitavam todas as cerimônias fúnebres dos judeus, por exemplo, amortalhar-se de veste lúgubre, espalhar cinzas sobre a cabeça e rasgar os hábitos.

Os primeiros cristãos reprovavam, em termos enérgicos, o costume romano de usar roupas pretas. Falavam de seus mortos em suas preces a Deus e oravam por eles. Em particular, gostavam de recordar-se deles, desse modo agradável, quando faziam sua refeição noturna.

Em que estamos conformes com esses usos cristãos? Não são símbolos ltuosos os que dominam os nossos funerais?

A idéia que se faz da morte, em toda a cristandade, está perfeitamente de acordo com esses usos. A morte é representada pela “caveira com a foice” – um esqueleto tendo uma foice desmesuradamente longa nas mãos.

É de espantar que o medo seja o sentimento habitual em face da morte. A maior parte dos homens pensa, com temor, na própria morte e se esquiva de falar nela; sim, eles procuram afastar seus pensamentos da morte, tanto quanto possível. Não é isto uma insensatez, já que nenhum de nós se lhe escapará?

Devemos compreender que a morte é uma lei do Universo e não a punição de faltas cometidas. É verdade que a morte precoce *pode* representar o castigo de uma falta em homens que viveram como irracionais, imprevidentes, ou levaram uma vida de culpas ou de faltas. A morte, porém, não reina apenas entre os homens. Os animais e as plantas também morrem e a morte deles não pode, pois, ser encarada como a punição de um pecado nos reinos animal e vegetal. Os animais e as plantas não têm a consciência bastante desenvolvida, se é verdade que as plantas em geral tenham vida consciente para que possam ser objeto de reparação moral.

Quanto à idéia de que a morte teria sido introduzida nos reinos animal e vegetal por causa dos pecados dos primeiros homens, é isto muito infantil para que o acreditemos em nossos dias. Devemos aprender a compreender que a morte é uma lei do destino e que todas as leis da natureza são a expressão da vontade de Deus. A morte reina na natureza como a vontade santa de Deus todo poderoso; é uma ordem cheia de sabedoria para que se executem os planos da criação.

Não foi a propósito que o Cristo disse: “Se o grão de centeio não caísse na terra e não morresse, ficaria ele próprio, mas quando morre dá um fruto considerável”? O gérmen deve ser livre a fim de que a planta possa crescer com suas belas flores. Se a lagarta não morresse, a borboleta ostentaria as suas asas?

Mas, se a morte é uma lei, é, por conseguinte muito natural que procuremos adquirir alguns conhecimentos sobre essa lei. E a grande dor que a morte causa aos homens leva a perguntar: “Existe possibilidade de estudar-se esse fenômeno a que chamamos morte?”

Acho que, na sua pesquisa, podemos tomar três caminhos diferentes, empregar três métodos diversos, pertencentes, todos, às pesquisas psíquicas. Não me refiro aqui às observações que foram feitas por médicos e que estão excelentemente descritas no belo livro acerca da morte, da autoria do bem conhecido médico dinamarquês O. Bloch. Os médicos observam apenas e, sobretudo, o estado do agonizante. O Prof. Bloch declara-nos que a morte não é dolorosa e que o moribundo fica sem

consciência, mas ele não nos diz onde está essa consciência, nem se ela escapa à nossa capacidade de observação, deixando-nos apenas adivinhar que crê na sobrevivência.

O primeiro método que acho aplicável é o seguinte: Podemos todos estudar os estados semelhantes ao do moribundo, em particular o sono a que se denominou irmão da morte, o sonambulismo, o transe e também a letargia. Porque acontece que homens, durante horas, quiçá dias e noites, fiquem estendidos como mortos e despertam, vivos, em seguida. Acontece outras vezes que eles se lembram, com precisão, do que viram ou viveram enquanto o corpo jazia como morto.

Os pesquisadores psíquicos se dão ao trabalho, em nossos dias, de anotar tais acontecimentos em atas. Todas as investigações empreendidas nesse terreno indicam que o *eu* pessoal, nesse estado, deixou o corpo terrestre.

No transe, os médiuns podem, muitas vezes, descrever seu estado e contar, então, que o corpo espiritual se encontra fora do corpo material, mas que fica ligado a essa última por uma fita ou cordão especial. Obtive, sobre o assunto, uma comunicação precisa no decurso de experiências que fiz com dois médiuns. Isto parece demonstrar que a vida do *eu* pessoal não está, de modo algum, sob a dependência exclusiva do corpo, mas, ao contrário, que esse *eu* tem uma vida própria e que a morte não é senão uma separação mais perfeita do corpo, e que o cordão se rompeu com ela.

Estou convencido de que a alma, durante o sono, pode deixar o corpo, por certo tempo. Possuo uma prova indiscutível desse fato: um homem, cujo corpo terrestre se achava mergulhado em um estado vizinho do sono, veio encontrar-se comigo, em meu gabinete de trabalho, e descreveu-me, com exatidão, a situação em que me viu, em dado momento.

Fiz, repetidas vezes, experiências dessa natureza. No começo, se me afigurou difícil acreditar nisso, mas pouco a pouco minhas dúvidas cederam diante dos fatos, pois realizei semelhantes experiências comigo mesmo.

Quero narrar-vos um desses casos, do qual possuo testemunhos seguros. Foi no Natal de 1907. Eu fora convidado

para almoçar em casa do médico-chefe do Asilo de Alienados, localizado a alguns quilômetros de Reykjavik. Antes de partir, disse a meus filhos que, se eu não voltasse para casa lá pelas 11:30 da noite, não me esperassem mais, pois passaria a noite em casa desse esculápio. Demais, eles deveriam jantar com o seu avô, o qual morava na mesma casa que eu, no andar superior. Quando quis, à noite, voltar para casa, chovia tão fortemente que resolvi ficar em casa do meu hospedeiro. Fiquei, por muito tempo, sentado, conversando com o médico e sua esposa.

Não foi senão lá para as 2 da madrugada que fui deitar-me. Não consegui, como de ordinário, conciliar o sono, e só para as 3 horas é que caí num meio sono. De repente pareceu-me estar em meu gabinete de trabalho e ficar muito admirado por ver meu filho Cornelius, de 11 anos de idade, sentado, tendo diante de si o *ludo* que eu lhe dera no Natal. Eu estava de pé, por trás de suas costas, e olhava por cima da cabeça e dos ombros, pensando: “Donde vem, meu filho, que está aqui no escuro, jogando *ludo*? Vi, distintamente, três dos quatro campos, o azul, o vermelho e o verde, e tinha a impressão de que os via realmente. Pensei, de repente, que não podia encontrar-me em casa com o meu corpo terrestre e me disse a mim mesmo: “Mas tu dormes no quarto da casa do médico!” No mesmo instante senti que reentrava em meu corpo e despertei de um pulo. Não me esqueci, entretanto, do que vira. Estava deitado e ainda pensava que isso não podia ter-se dado porque os meus filhos deviam estar em suas camas ou então em casa do avô, pois que fazia frio e o aposento não fora aquecido.

Quando me encontrei com o médico, pela manhã, contei-lhe o fato pessoal que me acontecera, a fim de que ele fosse testemunha do mesmo, dando-lhe, porém, conhecimento da sua inverossimilhança.

Logo que cheguei em casa, dirigi-me para o meu gabinete de trabalho, onde toda a minha família estava reunida. Depois que cumprimentei a todos, disse em seguida a Cornelius: “Meu rapaz, vim a noite passada aqui em casa e te vi, nesta mesa, jogando *ludo*”. Todos me olharam sem dizer palavra, estupefatos que estavam, sobretudo as crianças, que pareciam

extraordinariamente surpresas. Meu filho primogênito Sigurdur me perguntou: “Que horas eram?” Respondi-lhe: “Entre duas e três horas”. “É interessante, disse ele”. E concordou que era exato.

Dirigi-me, a seguir, para a mesa redonda e designei exatamente o lugar em que Cornelius se sentara. Também exato. Porém Sigurdur, meu filho mais velho, me perguntou: “O senhor não me viu também, papai?” “Não, eu não te vi”, respondi-lhe. Ele me contou, então, que estava sentado, de lado, no sofá, e que se divertia com o quadrante branco que eu não vira.

A coisa se passara da seguinte maneira: As crianças, para as 2 da manhã, voltaram do aposento do avô e o primogênito disse ao seu irmão mais moço: “É a primeira noite em que papai está ausente. Aproveitemos a ocasião para ficarmos um pouco no seu gabinete e jogarmos *ludo*”. Estiveram, então, ali sentados, das 2 às 4 horas. Ficaram muito encalistrados quando viram que o seu brinquedo noturno fora tão estranhamente descoberto.

Peço-vos não ficar só nesta minha experiência pessoal. Aconselho-vos a leitura de obras nas quais encontrareis descrições de experiências semelhantes, por exemplo, em “*Mysteria*”, da bem conhecida baronesa sueca Lucia Lagerbielke.

O outro método que podemos empregar para obtermos esclarecimentos sobre a morte é a clarividência. Esta provém, em parte, de um estado de consciência normal em indivíduos particularmente dotados, os quais possuem essa capacidade como uma qualidade natural e inata, e naqueles que, por um treino de numerosos anos, desenvolveram essa capacidade a ponto de poderem, com o auxílio da vontade, elevar-se a esse estado clarividente, quando quiserem. Os teósofos ligam, em nossos dias, grande importância ao desenvolvimento dessa faculdade.

Vou narrar-vos agora o que dizem os clarividentes acerca dos moribundos, cuja morte observaram. É-me necessário, pois, fazer um pequeno desvio nesta palestra para expor-vos como, em alguns casos, fixou-se a certeza da clarividência.

Um médico norte-americano, de nome John D. Quackenbos, escreveu no número de setembro de 1912, da revista *The North American Review*, um estudo que despertou grande curiosidade no público, estudo no qual descreveu o poder clarividente de um menino de 12 anos. A criança chamava-se Léon Bret e era filho de um ex-bacteriologista da Faculdade de Medicina de Boston. Quando esse menino era hipnotizado por seu pai, podia ver no corpo humano e através dele. Chamou-se essa espécie de clarividência de visão pelos raios X. A criança podia, dessa maneira, ver os órgãos internos com tanta clareza como vemos os objetos através dos vidros de uma janela. Em dezenas de casos, pôde descobrir quistos internos e encontrar projéteis de armas de fogo, etc. O rapazinho devia sempre encontrar-se perto do paciente.

No mesmo artigo, o Dr. Quackenbos expõe um caso de clarividência mais maravilhoso ainda. Ele chama a clarividente em questão de “a senhora belga”. Mergulhada no estado de hipnose, faz as mesmas observações, ainda que se encontre afastada do paciente. Essas experiências foram várias vezes fiscalizadas por meios absolutamente decisivos. Seus diagnósticos estavam, às vezes, em flagrante oposição a todas as opiniões dos assistentes e mesmo em antagonismo aos diagnósticos feitos anteriormente por médicos especialistas. Mas em cada caso se verificou a sua exatidão. A senhora belga pretendia que seu espírito deixava o corpo material e penetrava no do paciente, durante o exame.

Chamo, novamente, vossa atenção para o fato de que essas experiências foram feitas com precisão científica.

Por fotografias tiradas simultaneamente, pôde-se também fiscalizar a realidade da clarividência. Vou citar apenas dois casos.

No dia 15 de novembro de 1915, o pastor inglês Charles L. Tweedale almoçava com a esposa e o filho, quando, de repente, a esposa, que é clarividente, disse que via um homem, de pé, perto do piano. O pastor saiu a apanhar uma máquina fotográfica que dispôs, de volta, junto da janela, assentando-a na direção em que, segundo as indicações de sua mulher, o homem permanecia

sempre, ainda que não fosse tão visível como anteriormente. O marido bateu uma chapa e, revelando-a logo a seguir, viu que nela aparecia uma imagem que se ajustava exatamente à descrição feita pela clarividente. O pastor Tweedale fez então um relatório do acontecimento e, com sua mulher e seu filho, foi à casa de um juiz, diante do qual os três prestaram juramento em confirmação da veracidade do fato. Essa fotografia foi mais tarde publicada.

Tomou o outro caso do pequeno livro de William Stead *From where I know the deads live* (De onde sei que os mortos vivem).

Stead procurou, certo dia, o sr. Bournnell, que era, ao mesmo tempo, médium clarividente e fotógrafo transcendental. Bournnell viu, atrás de Stead, um velho boer. A pedido de Stead, o fotógrafo tomou o seu aparelho e procurou ouvir o nome do aparecido. Bournnell declarou que o espírito dissera ser o seu nome Piet Botha. Stead sabia que havia um Felipe, um Luiz e um Cristo Botha, mas de um Piet Botha jamais ouvira falar, todavia o fotógrafo repetia: “Ele afirma que é esse o seu nome”. Quando se revelou a chapa viram, por trás de Stead, uma figura alta, vigorosa, que se assemelhava a um boer ou a um pastor russo.

Logo que o General Botha, finda a guerra sul africana, foi a Londres, Stead enviou-lhe o clichê fotográfico, por intermédio do Sr. Fisher, Primeiro Ministro do Estado Livre de Orange. Na manhã do dia seguinte um dos delegados da África do Sul, sr. Wessels, foi ao escritório de Stead e lhe perguntou onde obtivera a fotografia que ele remetera a Fisher. E explicou-lhe que esse homem jamais fora à Inglaterra e perguntou se Stead o conhecia.

William Stead contou-lhe, então, em que condições a fotografia fora tirada. Wessels não quis acreditar no fato e Stead perguntou por que ele se interessava tanto pela fotografia.

– Porque esse homem era um dos meus parentes próximos. Vi-lhe o retrato suspenso na parede, em casa – respondeu o Sr. Wessels.

– Verdade? Ele é morto? – perguntou Stead.

– Sim, ele foi o primeiro oficial boer que tombou no cerco de Kimberley.

– Como se chamava?

– Petrus Johannes Botha – respondeu o Sr. Wessels –, mas familiarmente o chamávamos Piet Botha.

Uma reprodução dessa fotografia me foi fornecida pela Sra. Estelle Stead, no verão de 1919. Ela foi publicada. Constituí, indiscutivelmente, uma boa prova da realidade da clarividência, pois ninguém sabia, na Inglaterra, que existira um Piet Botha.

Posso citar também o caso do pesquisador alemão Reichenbach, que conseguiu várias vezes registrar, numa chapa fotográfica, a imagem da irradiação fluídica das extremidades dos dedos de indivíduos especiais, coisa que vários clarividentes viram e descreveram.

Concluimos daí que podemos ter confiança no que nos comunicam aqueles que atingiram o mais alto grau da clarividência, porque temos a segurança de que eles fazem culto da lealdade e da verdade. Entre tais homens devemos incluir, antes dos demais, o clarividente norte-americano Andrew Jackson Davis, nascido em 1826, o qual é uma das mais curiosas figuras do século XIX. Sua maravilhosa faculdade clarividente foi descoberta, certo dia, quando, aos 16 anos, foi hipnotizado. Certo número de tentativas se fizeram com ele, as quais despertaram vivo interesse. Por um lapso de tempo, foi empregada sua faculdade em firmar diagnósticos em casos muito difíceis de doenças, tal qual como com a senhora belga de que antes falei. Como sabeis certamente, foi ele mais tarde médico e um dos pioneiros no neo-espiritualismo, tendo escrito alguns livros. Ele próprio se mergulhava no estado de clarividência, logo que desejasse. Era mister, para tanto, que estivesse gozando saúde, para o que fazia, diariamente, exercícios de ginástica.

Quando se encontrava nesse estado era como se estivesse de posse de um novo sentido por meio do qual considerava a existência sob um novo aspecto. Ele foi muitas vezes chamado profeta do Espiritismo moderno.

Não vejo razão para que se tenha por ele menos estima do que pelos profetas do Antigo Testamento, os quais se mergulhavam também nesse estado e eram clarividentes. Por que o considerarmos menos por ter sido americano e ter vivido no

século XIX, se os primeiros profetas foram judeus e viveram alguns séculos antes do Cristo?

Ele escreveu cerca de 30 obras; seus livros são de um interesse superior, tanto quanto as verdadeiras profecias do Antigo Testamento.

Assim como se encontram muitas coisas belas e pensamentos profundos no Antigo Testamento, nos livros dos profetas existem também muitas coisas que não têm valor especial e teriam ainda menos se tivessem sido escritas por um americano do século XIX, pobre e desconhecido. Porém muita gente tem respeito humano por tudo que é velho e arcaico. Acho, ao contrário, que é uma vantagem se quisermos conhecer o homem mais de perto e sabermos que experiências se empreenderam sobre suas capacidades, em condições de segurança. Muitos profetas do Antigo Testamento nada sabiam a esse respeito. Só possuímos afirmativas pessoais deles, sem garantia alguma de que essas narrativas contivessem fatos reais.

O que nos relata o profeta clarividente acerca da morte? Em primeiro lugar, quero indicar suas próprias palavras sobre a clarividência, extraídas do seu livro *Death and life after death* (A morte e a vida depois da morte): “E agora quero expor-vos o que vi. Minha descrição desse fenômeno não é produto de imaginação ou de febre cerebral. Não sei se é necessário que eu observe que há 15 anos tenho o dom de ver através do corpo humano. Devo fazer notar que recolhi, nestes doze últimos anos, um grande ensino. Encontrei-me muitas vezes na cabeceira de muitos moribundos, porém a descrição do que vi servirá um dia para todos os outros casos.”

Davis concentrou-se, certa vez, na cabeceira do leito de uma velha moribunda e descreveu o processo da morte tal qual se lhe apresentou à visão espiritual.

“Vi que o organismo físico não mais podia satisfazer as necessidades do princípio intelectual, mas me pareceu que diversos órgãos opunham resistência à partida da alma. O sistema muscular tentava reter o princípio vital. Já o sistema nervoso lutava, com todas as forças, contra o aniquilamento

dos sentidos físicos e o sistema cerebral procurava reter o princípio intelectual. O corpo e a alma, como dois cônjuges, resistiam à separação absoluta uma do outro. Esses conflitos internos pareciam, a princípio, produzir sensações penosas e perturbadoras, de sorte que me alegrei quando percebi que aquelas manifestações físicas indicavam, não a dor e a enfermidade, mas simplesmente a separação da alma e do organismo.

Pouco depois, a cabeça se cercou de uma atmosfera brilhante e em seguida vi, de repente, o cérebro e o cerebelo estenderem suas partes inferiores e paralisarem-se-lhes as funções galvânicas. Tornaram-se saturados de princípios vitais de eletricidade e de magnetismo, de movimento, de vida, de sensibilidade, espalhados por todo o organismo. A cabeça ficou como que iluminada e notei, ao mesmo tempo, que as extremidades se tornavam frias e escuras, ao passo que o cérebro adquiria especial refulgência. Em torno dessa atmosfera fluídica, que rodeava a cabeça, vi formar-se uma outra cabeça que, lentamente, cada vez mais se desenhava. Era tão brilhante que eu mal podia fixar nela a vista, porém, à medida que essa cabeça fluídica se condensava, desaparecia a atmosfera. Deduzi daí que esses princípios fluídicos que de todas as partes do corpo tinham sido atraídos para o cérebro e então eliminados sob a forma de atmosfera especial estavam antes solidamente unidos, segundo o princípio superior e universal da afinidade que se faz sempre sentir em cada parcela da matéria.

Com surpresa e admiração acompanhei as fases do fenômeno.

Da mesma maneira que a cabeça fluídica se desprendera do cérebro, vi formarem-se, sucessivamente, o pescoço, as espáduas e, por fim, o conjunto do corpo fluídico. Tornou-se-me evidente que as partes intelectuais do ser humano são dotadas de uma afinidade eletiva, a qual lhes permite reunirem-se no momento da morte. As deformidades e os defeitos do corpo físico haviam desaparecido, quase completamente, do corpo fluídico.

Enquanto esse fenômeno se desenvolvia diante das minhas faculdades particulares, de outro lado, para as vistas materiais das pessoas presentes no quarto, o corpo da moribunda parecia apresentar sintomas de mal-estar e de angústia, mas eram fictícios, porquanto provinham apenas da partida das forças vitais e intelectuais, que se retiravam de todo o corpo, para se concentrarem no cérebro e depois no novo organismo.

O espírito se elevou em ângulo reto, acima da cabeça do corpo abandonado, porém, antes que se desse a separação final do liame que prendera por tão longo tempo as partes materiais e intelectuais, vi uma corrente de eletricidade vital formar-se sobre a cabeça da moribunda e por baixo do novo corpo fluídico. Isso me deu a convicção de que a morte não é mais do que um renascimento da alma ou do espírito a se elevar de um estado inferior a um estado superior e que o nascimento de uma criança neste mundo ou a formação de um espírito no outro mundo são atos idênticos. Não falta nem mesmo o cordão umbilical, ali figurado por um laço de eletricidade vital. Esse laço, durante algum tempo, subsistiu entre os dois organismos. Descobri então uma coisa de que não me apercebera nas minhas investigações psíquicas: que uma parte do fluido vital volta ao corpo material, logo que se rompe o cordão ou laço elétrico. Esse elemento fluídico ou elétrico, espalhando-se por todo o organismo, impede a dissolução imediata do corpo.

Logo que o espírito, cuja separação do corpo físico eu observava, se viu livre, começou a respirar todas as moléculas espirituais que se encontravam no ambiente terreno. Primeiramente, pareceu não poder suportar senão com dificuldade essa nova força vital; entretanto, no espaço de alguns segundos, aspirou e expirou, com facilidade e alegria, esses elementos. Vi que entrava na posse de órgãos que correspondiam exatamente aos dos seus despojos terrestres, porém enobrecidos e embelezados. Essa transformação não era, entretanto, bastante poderosa para que lhe modificasse a forma externa. Assemelhava-se ao seu

antigo *eu*, de forma tal que, se seus velhos amigos a vissem, teriam certamente exclamado: “Não, tens até o ar de boa saúde. Mudaste para melhor”.

Vi, além disso, como ela se adaptava aos novos elementos da vida espiritual e como a eles se acostumava. Fazia-o sem movimento de humor, com uma serenidade filosófica muito maior depois da austeridade das transformações que tinha suportado por ter a idéia de volver sua atenção para os gemidos e as lágrimas dos seus. Essa transformação durara duas horas e meia, porém não há nenhuma duração precisa para a morte.

Sem mudar minha posição ou minha vista espiritual, continuei a observar os movimentos do espírito desencarnado momentos antes.

Logo que se habituou aos elementos que a cercavam, desceu do lugar elevado que ocupava acima do cadáver, por um esforço de vontade, e saiu pela porta aberta do quarto de dormir onde estivera por tanto tempo, deitada e enferma. Estávamos no verão e, com todas as portas abertas, pude segui-la com a vista, fora da casa e no além. Era uma alegria ver como ela avançava com facilidade, como caminhava literalmente no ar atmosférico, tal como nós aqui na Terra.

Logo que abandonou sua morada terrena, dois espíritos a encontraram. E depois que ambos festejaram esse terno reencontro, se elevaram para o ar, para muito alto. Era como se escalassem uma montanha em um passeio recreativo. Segui-os com minha vista espiritual tanto tempo quanto pude; breve, porém, se me escaparam à visão. Volto a meu estado normal. Mas que contraste! No lugar da jovem e bela forma que eu acabava de ver desaparecer estava estendido ali o cadáver inanimado, frio, a crisálida de onde a borboleta álaçre se evolará.”

Acho que essa descrição do momento da morte é extraordinariamente interessante e confortadora se cremos que o que ele viu foi real. Depois que seu livro foi escrito, vários anos se escoaram e, tanto quanto sei, os teósofos, assim como os

ocultistas e os espíritas – este termo empregado em sua significação mais verdadeira – estão todos acordes em reconhecer que essa narrativa é justa, em seu conjunto.

Um dos mais belos livros que li foi escrito por uma senhora inglesa, clarividente, e traz o título de *Ministry of Angels* (O Ministério dos Anjos). Essa senhora, que se chama Joy Snell, é clarividente desde sua infância, sem ter feito profissão de médium.

Foi, durante vinte anos, enfermeira e teve assim freqüentes oportunidades de observar os moribundos. Chegou exatamente ao mesmo resultado, sem ter conhecido as obras de Davis.

Conheço pessoalmente essa distinta senhora. Não me contentei em ler seu livro; fui procurá-la em 1919, em Londres, e tive enorme alegria e grande conforto em conhecê-la assim como ao seu marido.

Se dado me fosse designar, presentemente, duas pessoas que eu consideraria como dignas de ser chamadas apóstolos de Jesus, a citaria assim como o pastor Vale Owen. Nunca encontrei, em toda a minha vida, tão verdadeiros discípulos do Cristo e jamais estive em contato com vidas tão simples e capazes de amar todas as coisas. A amizade dessas duas pessoas é o que a vida ofereceu de mais belo.

Essa senhora descreveu em seu livrinho muitas cenas de agonia de que foi testemunha. Ela observou muitas vezes que o próprio agonizante percebia um ou mais amigos que acorriam do Além para recebê-lo.

Conta que certa vez um velho moribundo viu seu próprio filho, antes de morrer, do que deu conhecimento à sua esposa, sentada à cabeceira do leito. A enfermeira há muito que havia notado o rapaz de bela cabeleira, que aguardava o trespasse do pai, terminando sua descrição com as seguintes palavras:

“Foi, na verdade, um quadro magnífico. Isso tornava a morte, que a maior parte da gente considera como algo de espantoso, como um ministério incompreensível, a meus olhos, bela e cheia de bênçãos, na verdade, a prova mais estupenda da bondade infinita e do amor de nosso Pai

Celestial. Se não fosse a consideração devida à mãe em lágrimas, eu teria dado palmas e soltado gritos de alegria.”¹³

Resta, finalmente, o terceiro método que podemos seguir para chegar ao conhecimento da morte. Este método é, efetivamente, o mais simples, se se tem confiança nele. Consiste em falar com aqueles que já franquearam as portas da morte, que experimentaram a agonia e realizaram a grande experiência, porém só se servirão deste método aqueles que têm esta convicção raciocinada da grande realidade: que podemos receber mensagens do Além!

Talvez, entre os meus ouvintes, poucos haverá que ousarão seguir este método. Creio que há ainda bem poucas pessoas, na Dinamarca, que tenham recebido provas irrefutáveis e que possam ter uma convicção inabalável. Isso provém do fato de ter-se feito do Espiritismo, no continente, uma religião, em vez de trilhar-se o caminho das pesquisas experimentais.

Ao que me diz respeito, cheguei, por via experimental, a uma firme e inabalável certeza. É por isto que admito, por esta via, as explicações que me foram ministradas sobre a morte. Muitos cientistas ilustres estão, em outros países, convencidos de que obtivemos provas do mais alto valor.

Pela escrita automática e por leais médiuns de incorporação, os nossos mortos queridos nos comunicam o que eles próprios aprenderam, depois que passaram para o Além.

Li muitas mensagens espíritas e ouvi muitas alocações feitas por diversos médiuns. Recebi dos guias de Indridasson as melhores mensagens. Se devo condensar em poucas palavras o que eles me relataram, limitar-me-ei ao seguinte: eles pretendem que a morte não é senão uma transição para uma forma mais elevada da existência, um acontecimento inteiramente natural e necessário ao desenvolvimento do espírito, uma volta a um estado mais belo e a uma vida perfeita.

Quando a morte se apresenta, de modo natural, deve sempre ser olhada como uma graça. Não é a morte senão uma porta que devemos franquear para chegar a um mundo novo que é mais límpido e mais magnífico do que qualquer lugar na Terra, mundo

em que a vida se eleva a uma beleza superior e à plenitude do amor. Pedem-nos que não nos aflijamos por aqueles que já ingressaram nessa vida mais elevada. E acrescentam, sobre o assunto, que os trespassados não se separaram daqueles que deixaram na Terra. Dizem que podem entrar em relação conosco, principalmente quando dormimos.

Existem bem poucas pessoas que têm, no estado de vigília, recordação do que se passou. De tempos a outros, alguns de nós temos, quando despertamos bruscamente, algumas lembranças imprecisas de tal encontro ou de tal conversa com um desencarnado.

Eles não nos ocultam que seu estado é muito diferente do nosso e que a situação em que se encontram depois da morte depende do modo em que viveram na Terra. Todos nos asseguram que o apóstolo Paulo exprimiu uma verdade profunda quando dirigiu estas palavras aos Gálatas: “Não vos enganeis. Não se zomba de Deus. O que o homem semear, isso também colherá.” (Gálatas, VI, 7).

O que acabo de dizer não se refere, evidentemente, àqueles que levaram, na Terra, uma vida honrada e desinteressada. O Novo Testamento nos declara que cada um vai para o seu próprio lugar (Atos, 1:25). Esta observação vem a propósito da descrição da morte de Judas.

Sim, recebemos também, presentemente, mensagens daqueles que não penetraram na sala clara, mas nas trevas exteriores, para nos servirmos da expressão particular do Cristo. Esses lamentam seu estado infeliz, mostram-se desesperados e cheios de ódio ou cólera e acham que seu destino é injusto. Sua cólera e sua amargura podem ser de muito longa duração, podem durar até anos. Sua situação é, efetivamente, horrorosa. É a consequência dos maus pensamentos, do ciúme e do ódio conservados, dos crimes cometidos ou da morte que se deram. O estado desses desgraçados é um verdadeiro inferno; essa situação, porém, não é senão consequência dos pensamentos, das palavras e das ações das suas existências terrenas. Eles compreendem, então, que o velho ensino do inferno não é, de todo, uma fantasia da

imaginação. Apenas a Igreja o interpretou mal e fez dele o dogma das penas eternas do inferno.

Com o auxílio da nova ciência, compreendemos agora que o amor de Deus se estende até a esses infelizes e que, do mundo superior, lhes é trazido sempre a ajuda que podem receber. Quando se emendarem pela dor, o sofrimento e o verdadeiro arrependimento, a graça de Deus lhes vem da maneira que lhes é mais útil. Os espíritos superiores trabalham, sem descanso, pela salvação desses infelizes.

No livro *After Death* (Depois da Morte), de “Júlia”, há a seguinte passagem: “A felicidade do céu é trabalhar sempre para que o inferno fique vazio”. Quão superior é este ensino comparado às concepções de Tertuliano, o velho Padre da Igreja. Este achava que uma das alegrias dos bem-aventurados consistia em ver justamente os tormentos e o horror dos danados!

Não desejo estender-me na descrição do estado imediato à morte, pois iria muito longe. É da morte que desejamos falar.

Os espíritos comunicantes nos explicam que o tempo durante o qual a alma se liberta do corpo tem durações diferentes. Nos velhos é rápida. A separação começa com a própria morte. Nesse caso a morte se assemelha a um sono calmo e após esse curto sono o morto acorda no outro lado da cortina, geralmente cercado de amigos e parentes que já sabiam que ele ia transmigrar. Nem todos, porém, despertam logo após tal separação. Muitos há que são conduzidos a um lugar do Espaço onde repousam à vontade. Os espíritos amigos velam por eles.¹⁴

Alguns pensam que despertam em um hospital e não chegam a compreender que passaram para o outro mundo. Outros acordam rapidamente, logo que o corpo espiritual se desprende do seu invólucro mortal. Compreendem que desencarnaram, porque vêem seu próprio cadáver estendido no leito mortuário. Enche-os de alegria o reencontro com os seus queridos amigos que os precederam no Além. Apenas, o espírito recém-desencarnado não pode compreender porque aqueles que deixou em lágrimas não o podem ver. Procura tocá-los mas vê que eles não o percebem. Busca falar-lhes, mas não os escutam. E pensa que ficaram, todos, subitamente cegos e surdos.

Se podemos obter tais ensinamentos, não nos devemos espantar do conservantismo do qual muitas pessoas da Igreja ainda estão animadas? Elas se agarram à velha crença judaica da existência tenebrosa da alma no Reino da Morte, até que seu corpo ressuscite no dia do juízo final e se opõem a todo conhecimento novo sobre o assunto. Elas se colocam, assim, em oposição direta ao próprio ensino de Jesus.

Como consta do Evangelho segundo Lucas, cap. 16, Jesus parece ter afirmado que uma separação completa entre a alma e o corpo se seguiria à morte e que o homem adquiriria plena consciência ao despertar na outra vida. Ele jamais falou da ressurreição do corpo *terrestre*. A nova ciência está de inteiro acordo com as próprias declarações de Jesus.

Muitos dos maiores sábios da terra pressentiram que no momento da morte algo de maravilhoso se produzia e que, em consequência, não devíamos temer esse sublime instante.

Foi Jacob Bohme quem gritou ao filho, antes de soltar o último suspiro:

“Abra a porta e deixe entrar mais um pouco desta bela música!”

O primeiro deão inglês Basil Wilberforce disse alhures:

“Julgo que o quarto em que um moribundo expira está sempre cheio de anjos!”

Conheceis, certamente, a narrativa do Anjo do Sono e do Anjo da Morte:

Certa noite, como dois irmãos, de braços dados, foram eles através do mundo e se deitaram em uma colina coberta de relva. Quando tudo ficou em silêncio e a noite desceu sobre a Terra, o Anjo do Sono se levantou e semeou os grãos invisíveis do sono que o vento da noite levou às casas dos homens. Todos adormeceram, desde os mais velhos até as criancinhas de berço, e eles se esqueceram dos seus sofrimentos e das suas preocupações.

Alegre ao pensamento de que, na manhã seguinte, todos os homens iriam considerá-lo como amigo e benfeitor, o Anjo do sono se deitou ao lado do seu sombrio irmão.

O Anjo da Morte olhou-o com discreta melancolia. Uma lágrima rolou-lhe dos grandes olhos negros e ele disse:

– “A Terra me chama seu inimigo e desmancha-prazeres!”

– “Oh, meu irmão – respondeu o Anjo do Sono –, o bom, quando despertar, não te chamará seu amigo e benfeitor? Não somos irmãos e mensageiros do Pai?”

Em conclusão, permito-me perguntar: Um homem razoável pode hoje mostrar-se hostil aos pesquisadores psíquicos que buscam para nós, assim como para as gerações futuras, aumentar os nossos conhecimentos sobre essas questões? Não é um progresso ficar o ser humano livre do medo da morte?

Se tudo se pode alcançar pelas investigações psíquicas, o que eu creio, a caveira com a foice deve sofrer radical transformação. Para as gerações vindouras ela será o dócil Anjo da Luz, o grande Mensageiro do Pai Misericordioso.

Posfácio

Quando prometi à Comissão da Sociedade de Estudos Psíquicos fazer estas conferências, não me passara ainda pela idéia de que seriam um dia publicadas. Assim que consenti na sua publicação, vi-me embaraçado para atender a numerosos pedidos provenientes tanto de Copenhague como de outros lugares em que elas foram ouvidas, sobretudo por causa da amizade com a qual o Sr. P. Zache Davidsen me testemunhou, dando-se ao trabalho da edição. O pastor Thorvald Kierkegaard se me ofereceu para fazer a revisão das provas. Sinto-me cheio de gratidão pela bondade dessas duas pessoas.

Este posfácio só representa um pouco do que poderia acrescentar a estas três conferências.

Peço ao leitor atentar para o fato de que elas foram escritas durante uma viagem: começadas em um hotel de Londres e terminadas no novo hotel das missões de Copenhague, na Helgolandsgade. Aqueles que já trabalharam em tais condições sabem bem o quanto, em semelhante ocorrência, se lamenta a falta de seu gabinete de trabalho e seus livros.

Com referência à polêmica que tive em Copenhague, após minha segunda conferência, tenho a dizer que o grande pastor Martensen-Larsen me censurou de arranjar o Novo Testamento à minha vontade, negando que em passagem alguma deste possa haver questão de uma comunicação com “as almas dos mortos”. Fiz-lhe notar que eu havia intencionalmente evitado empregar a expressão “almas dos mortos”, mas o fizera do termo “espírito”, do Novo Testamento. E apresentei que pessoa alguma podia duvidar de que houvesse no Novo Testamento referência à comunicação com os espíritos.

Recordo-me ainda que disse na minha conferência que as concepções dos primeiros cristãos sobre estes assuntos eram, talvez, imprecisas, mas que eles conheciam os fenômenos, o que ressalta, claramente, das narrativas deste livro.

É *pensável*, ainda que não particularmente *provável*, que eles tenham mesmo entrado em relação com essas inteligências mais

elevadas, a que chamavam espíritos, ainda que não tenham sabido claramente quem eram elas. Mesmo, porém, que os primeiros cristãos não soubessem quem eram esses espíritos, sabemos nós, hoje, que eram e são as almas dos mortos. As numerosas provas de identidade, que nos deram essa convicção, são bem conhecidas.

De resto, acho que há muitas passagens no Novo Testamento que indicam exatamente que se compreendia, pela palavra “espírito” (em grego *pneuma*), a “alma de um morto”.

Desejo, sobre o assunto, indicar duas passagens em as quais *pneumata* não pode significar senão almas de mortos: Hebreus, XII, 23 (Espíritos de justos chegados à perfeição) e 1ª Epístola de Pedro, III, 19 (porém tendo sido vivificados pelo espírito, no qual foi pregar aos espíritos em prisão, os quais foram outrora incrédulos, quando a paciência de Deus se estendeu aos dias de Noé). É claro como o dia que, na primeira passagem, se trata de almas de homens mortos no estado de perfeição e, nas últimas, de almas de homens decaídos, que viveram na Terra, no tempo do dilúvio. Se não quiserem acreditar em mim podem consultar o dicionário grego latino de Grimm, sobre os livros do Novo Testamento.

Se Deus é, em Hebreus XII, 9, chamado o “Deus dos Espíritos”, o dicionário indica que a palavra espírito significa tanto as almas dos homens mortos como as dos anjos. Posso ainda acrescentar, sobre o assunto, que o Cristo foi chamado várias vezes, depois da sua ressurreição, de *pneuma* e, indiscutivelmente, se tratava de “alma de um morto”, pois que ele vivera na Terra.

Não posso compreender que exista alguém que possa negar que o Novo Testamento trate de comunicação com as almas dos mortos, pois temos provas patentes do contrário nas narrativas dos três evangelistas, referentes à Transfiguração do Tabor.

Moisés e Elias eram, indubitavelmente, almas de pessoas mortas e foi o Cristo em pessoa quem conversou com elas.

Devo acrescentar ainda, da maneira mais razoável, que nenhuma dúvida subsiste de que esses homens eram almas de

mortos, que mulheres os viram junto ao sepulcro, trazendo vestes resplandecentes e com os quais falaram em sua própria língua.

Comparai a maneira de exprimir-se no Evangelho segundo Lucas, nesta passagem, com as palavras que o mesmo Evangelho emprega para narrar a Transfiguração. Nesse evangelho, XXIV, 4, está escrito: “E aconteceu que elas (as mulheres junto ao túmulo) não sabiam o que pensar disso, eis que dois homens (em grego *andres*) lhes apareceram em vestes resplandecentes”.

Comparai este trecho com o mesmo Evangelho, IX, 30/31: “E eis que dois homens conversavam com ele: eram Moisés e Elias, que apareciam em sua glória e falavam de sua morte, que havia de cumprir-se em Jerusalém”. Que trata, nesta passagem, de almas de dois homens mortos, não se pode duvidar por mais tempo, pois o autor cita seus nomes. Como então poderia o autor pensar, diferentemente, quando fala de dois homens em vestes resplandecentes, que apareceram às mulheres junto ao sepulcro? Evidentemente, ele queria dizer “alma de mortos”, visto que ignorava quais nomes esses homens tiveram na Terra.

É exatamente o que se verifica na terceira passagem do mesmo autor, a saber, Atos dos Apóstolos, X, 30, onde lemos a seguinte narrativa do clarividente Cornélio: “Há quatro dias, nesta hora, orava em minha casa à nona hora, e eis que diante de mim se apresentou um homem (em grego *aner*) com uma veste brilhante e disse-me: “Cornélio, tua prece foi ouvida e tuas esmolas estão contadas na memória de Deus”. Lucas não pensava aqui, ainda, na alma de um morto, mas em “um anjo de Deus”, o que quer dizer “*um mensageiro de Deus*”.

Creio que os autores bíblicos pensavam muitas vezes nas almas dos mortos, quando falavam de seres que se manifestavam de um mundo para nós invisível, porque empregavam as palavras espírito e anjo,¹⁵ por exemplo: Hebreus, I, 13/14; Juízes XIII, 3/11; Daniel, VIII, 16; IX, 21; X, 16/17, etc.

No Evangelho segundo Marcos, na narração das mulheres junto ao túmulo, não é a palavra *aner* que está empregada, mas *neaniskos*. Ora, esse modo de se exprimir não é menos expressivo. Marcos diz que as mulheres, chegando ao sepulcro, viram sentado, à direita, um moço de roupa branca. O termo

grego *neaniskos*, que está empregado, significa jovem. Trata-se aí de um moço falecido, o qual veio do outro mundo, e Marcos deduz daí que as mulheres entram em comunicação com esse espírito desencarnado.

Acho que poderíamos extrair ainda muitas outras conclusões de diversas expressões dos Atos dos Apóstolos.

Segundo o que nos está narrado no 25º capítulo, o governador Festo assim se exprimia a respeito do conflito entre Paulo e os judeus: “Tinham com ele discussões relativas à sua religião particular e a um certo Jesus que está morto e que Paulo afirma estar vivo”. Assim Festo tivera a impressão de que Paulo pensava ter estado em relação com a alma de Jesus desencarnado. Isto concorda perfeitamente com o que está dito no capítulo 23, versículo 6: “Paulo, sabendo que uma parte da assembléia era composta de saduceus e outra de fariseus, clamou no conselho: “Varões irmãos, eu sou fariseu, filho de fariseu; é por causa da esperança e da ressurreição dos mortos que sou julgado”.

Pronunciadas que foram estas palavras, levantou-se uma discussão entre os fariseus e os saduceus e a assembléia dividiu-se, porque os saduceus diziam que não havia ressurreição, nem anjo, nem espírito, ao passo que os fariseus afirmavam as duas coisas.

Houve um grande clamor e alguns escribas do partido dos fariseus se levantaram e se empenharam em vivo debate, dizendo: “Não achamos nenhum mal neste homem; talvez um espírito ou um anjo lhe falou; então não nos é possível disputar com Deus”. Podemos apenas por dúvida que Paulo aqui tenha compreendido por ressurreição o processo no decurso do qual o espírito, no momento da morte, se separa do corpo terrestre e passa a um mundo superior. E não é mais natural que se entenda, aqui, por espírito a alma de um morto (talvez um espírito ou um anjo lhe falou)?

O Novo Testamento se serve sempre da palavra *pneuma* quando se trata do espírito de seres encarnados. Quando fala dos *pneumata* que se manifestam de um mundo invisível, por que

não pensaríamos, em primeiro lugar, nas almas dos mortos, pois que ele faz distinção entre espíritos e anjos? ¹⁶

Não é a tola idéia do sono no túmulo e da ressurreição do corpo, no dia do juízo final, que tem ocultado isto e que contribuiu para induzir os teólogos em erro?

Como sabemos, os demônios são, no Novo Testamento, a antítese dos bons espíritos. E sabemos pelo bem conhecido historiador judeu Josefo que uma parte, ao menos, da humanidade contemporânea do Cristo não considerava os demônios como anjos decaídos, mas como almas de homens mortos maus. Nesta ordem de idéias é talvez oportuno recordar o que o grande sábio alemão Prof. Wilhelm Bousset disse em uma passagem dos seus comentários à 1ª Epístola aos Coríntios: “De acordo com o estudo das primitivas comunidades cristãs, as ações dos espíritos (Deus) são exatamente contrárias às ações dos espíritos demoníacos. Os possuídos do demônio, como conhecemos pelas narrativas dos evangelhos, são a contraparte dos inspirados, os homens cheios do “Espírito de Deus”.

A comparação, neste caso, se afirma ainda mais nítida na idéia original, segundo a qual às empresas do demônio se opõem as empresas, não do “Espírito Santo”, mas de bons espíritos. Esta primitiva concepção ressalta ainda em Paulo, em duas passagens, quando ele fala da Igreja (1ª Epístola aos Coríntios, XIV, 12), dizendo que ela aspira os dons espirituais, e (XIV, 32) quando se refere aos espíritos dos profetas.

Segundo a opinião desse sábio autor, falava-se antigamente de *bons* e de *maus* espíritos sob a influência dos quais os homens podiam cair. Se Josefo tem razão em dizer que o judaísmo acreditava que os maus espíritos eram almas de homens mortos maus, por que não creriam, também, que os bons espíritos eram almas de homens mortos bons? É o que os espíritas pretendem e o que vem de ser repetido. Acho que seria bom que os teólogos estudassem esse assunto, sem hostilidade e sem opiniões preconcebidas. Tenho a salientar ainda que o Prof. Wilhelm Bousset parece ignorar inteiramente as pesquisas psíquicas.

Vou agora comentar uma das mais desagradáveis deformações dos jornais. Como o leitor se lembra, mencionei, na

minha primeira conferência, duas inteligências vulgares que produziram os mais violentos fenômenos de que fui testemunha. A fim de evitar zombarias, fiz conhecer o que os espíritos-guias disseram deles e que falaram eles próprios quando, pela última vez se manifestaram para pedir desculpas. Citei as próprias palavras do “Capitão”. “Não sabíamos realmente o que fazíamos; sentíamos-nos como embriagados”.

Essa explicação, a meus olhos muito interessante, acerca do estado desses homens depois da morte foi desnaturada pelo redator da *Nationaltidende*, que me atribuiu a declaração de “que um dia os espíritos estavam bêbados”.

A *Dagens Nyheder* serviu-se dessa alteração ridícula para título de um seu artigo e a *Kristelig Dagblad* reproduziu-a, em seguida, como uma expressão que teria sido verdadeiramente empregada por mim, acompanhada de algumas observações para traduzir a sua estupefação. (!)

Para todo pesquisador psiquista que experimentou e que sabe alguma coisa a respeito, o que impus nada tem de incrível.

Temos muitas vezes ouvido dizer que parece bem difícil a certos espíritos compreender que passaram para o além. Em recente número da *Light* (8 de outubro de 1921), li num artigo do inventor do “telefone psíquico”, o Sr. F. R. Melton, a seguinte comunicação: “*There are those who have passed on to this side who still think they are only dreaming, and it takes quite a long time to wake them up to the reality of their new life*” (Há espíritos que ingressam no Além pensando que estão apenas dormindo e é preciso muito tempo a fim de despertá-los para a realidade de sua nova vida).

Quando voltei, em fins de agosto, à Dinamarca e falei a algumas pessoas da descoberta do Sr. Melton, compreendi logo que devia calar-me. No reino da Dinamarca não se pode falar disso. Entretanto, o Sr. Melton pensa, e sobre o assunto fez várias conferências na *London Spiritualist Alliance*, que descobriu um telefone que permite, tal como um médium de voz direta, entreter longas conversações com os espíritos do outro lado, com as almas dos mortos. No entanto, isso não constituía uma novidade para os espíritas da Inglaterra e da Escócia, entre

os quais me achei, pois que o Sr. George Garscadden inventou aparelhos semelhantes, um ano antes.

Depois da minha volta para a Islândia, visitei no outono, em Glasgow, o Sr. Garscadden e entrei no seu laboratório e examinei os ditos aparelhos. Achei-os interessantíssimos, porém na Dinamarca é muito melhor esperar antes de se falar dessas coisas. Lá não se ocupam dessas coisas, visto que sabem, de antemão, que são “impossíveis”.

Muita gente não pode compreender que eu possa ser, ao mesmo tempo, um ardente pesquisador psiquista e um teólogo encarregado de cursos em um seminário de futuros pastores.

Respondi aos ataques de um antiespírita, na Islândia, com uma série de conferências reunidas por mim, em um livrinho sob o título de *Kirkjan og odandleikasannanirnar*.

Há mais de 13 anos estou pronto a que se me retire a dignidade eclesiástica se isto for da vontade do governo da Islândia.¹⁷ Até aqui não se incomodaram. Tenho o sentimento pessoal de que, como eclesiástico e professor no seminário, mais valor tenho, desde que, há anos, me entreguei às pesquisas psíquicas. Muito aprendi durante os nove anos em que estive ao serviço da Sociedade Bíblica Inglesa, porém muito mais aprendi nas minhas experiências espíritas de numerosos anos.

Se o *Politiken* e a *Kristelig Dagblad*, por exemplo, têm dificuldade em compreender que eu possa reunir essas duas ocupações, poderão eles compreender que muitos eclesiásticos na Inglaterra são também espíritas declarados, ardentes pioneiros psiquistas, como eu, embora continuem a fazer parte da Igreja Nacional Inglesa, de uma ou outra tendência?

Querirão eles, em face do exemplo da grande Inglaterra, dissipar sua hostilidade? Isto só lhes será útil, pois que se sabe lá muito mais acerca das pesquisas psíquicas e do Espiritismo do que na Dinamarca.

Naturalmente que a Igreja Dinamarquesa pode levantar-se contra nós, que cremos haver aí algo de bom e muito de belo, haver muito de cristão, porém isso não mudará nada. Os bispos e

os pastores dinamarqueses não poderão modificar a ordem natural das coisas. Nada lhes adiantará esbravejar.

Se Deus quis que entrássemos em relação com os mortos, ou melhor, que os mortos entrassem em comunicação conosco, porque foram eles que a iniciaram, então eles intensificarão, com o tempo, essa comunicação, ainda que os pastores da Dinamarca e dos outros países se levantem contra eles.

É fato conhecido na história que as Igrejas opuseram sempre a maior resistência cada vez que Deus quis que a Humanidade progredisse mais um passo.

Estou muito admirado em ver e ouvir um homem, como o alto dignitário Martensen-Larsen, falar destas coisas. Ele julga a questão em nome dos dogmas da Igreja e declara: “Eu não me aventurei por esse caminho. É espantoso que um sir Oliver Lodge possa permitir sua família fazer sessão no dia de Natal, etc...”.

Sim, meu caro dignitário, pode ser muito mais confortador ir a uma sessão espírita do que à igreja quando se crê, realmente, chegar, por esse meio, a uma comunhão com o mundo superior.

Quando entramos em verdadeira comunhão com entidades elevadas, submetidas a Deus, no outro lado da vida, recebemos lições que ultrapassam, inúmeras vezes, tudo o que podemos ouvir em nossas igrejas.

Falai a um Fielding-Ould dessas coisas. Ele é também um religioso inteligente e instruído. E fez experiências, dignitário, que vós jamais fizestes.

O falecido bispo da Islândia, Thorhallur Bjornsson, disse, de uma feita, em sua *Nye Kirkeblad*, que *se uma única voz do Além* chegasse até nós, ela exerceria uma ação bem mais considerável do que os sermões de todos os pastores.

Refleti na significação da conversa com uma mãe desencarnada, sobretudo no dia de Natal. Como nos sentiríamos felizes em ouvir, de novo, a sua voz, e sentir a sua antiga ternura, em ver que ela não mudou, mas é senhora de sentimentos mais nobres.

Conheço alguém que o conseguiu: O pastor inglês George Vale Owen. Foi sua mãe quem desde o começo se dedicou a realizar essa comunhão espiritual. E que não fez ela por seu dócil filho? E que auxiliares não lhe trouxe do mundo invisível?

Lede seus quatro volumes de comunicações espíritas intitulados, em conjunto, *The life beyond the veil* (A vida além do véu); ou então o notável livro do pastor Charles L. Tweedale, *Man's survival after death* (A sobrevivência do homem após a morte), ou ainda a pequena brochura do pastor F. Fielding-Ould *Is Spiritualism of the devil?* (O Espiritismo é obra do diabo?).

Saul era discípulo da letra, das regras da sua igreja, dos sistemas dogmáticos, e ele se levantava em cólera contra os cristãos, até que “a voz do céu” lhe disse: “Duro te será recalcitrar contra os aguilhões.” (Atos, IX, 5). A partir desse momento, ele soube que se tratava de uma realidade.

Os fatos nos indicam o caminho no qual podemos encontrar a Verdade. É ela que se trata de encontrar, nesta grande e delicada coisa. O que dela pensam nada significa diante das leis do Universo.

Nossas dogmáticas humanas se despedaçam como um fio apodrecido diante das novas leis que se revelam do Infinito.

Sei que conversei com seres do Além, bons e amorosos, e que muitas dessas horas foram as mais santas da minha vida.

Os infelizes, também, com os quais me entretive, me enriqueceram com um grande ensinamento: Aprendi a estender meu coração até eles.

Oh! Quanto essa grande experiência quebrou os estreitos laços dos preconceitos e do dogmatismo da Igreja, que se encerravam em minha alma! E quanto minhas concepções de Deus e do Cristo se elevaram!

Perdoai-me não poder crer noutra coisa: o que enriqueceu a minha vida em tão alto grau pode servir também para enriquecer a dos outros.

Reykjavik, 17 de novembro de 1921.

Haraldur Nielsson

- FIM -

Notas:

¹ O Dr. Richard Hoffmann é o autor do livro *Das Geheimnis der Auferstehung Jesu (O Segredo da Ressurreição de Jesus)*. Oswald Mutze, editor, Leipzig. (Nota do tradutor brasileiro.)

² August Ludwig, professor de Teologia Católica na Escola Superior de Freising e autor da *Geschichte der okkultistischen Forschung von der Antike bis zur Gegenwart* (História das pesquisas ocultas da antigüidade até a época atual). (N. T. B.)

³ Georg Henrich é o conhecido autor da brochura em alemão *Die Toten Leben* (Os mortos vivem), que teve inúmeras edições. (N. T. B.)

⁴ Efetivamente, este caso não é o único nos anais do Espiritismo. Temos, entre outros:

a) a desmaterialização parcial do corpo da médium Sra. d'Espérance, na Finlândia, narrado por Alexander Aksakof no seu livro *Um caso de desmaterialização parcial do corpo de um médium*;

b) a desmaterialização total do corpo do médium marquês Centurione Scotto, na Itália, relatado pela Sra. Gwendolyn Kelley Hack em *Modern Psychic Mysteries*;

c) a desmaterialização total do corpo da médium Sra. Prado, no Brasil, relatado por Nogueira de Faria em *O trabalho dos mortos*; e

d) o desaparecimento do pé direito do médium Lijs, contado na *Spiritische Bladen*, órgão da Federação Espírita Neerlandesa "Harmonia". (N. T. B.)

⁵ Trata-se do padre Jon Svensson, jesuíta, o tão curioso escritor islandês que adquiriu renome mundial na literatura. Escreveu as *Narrativas Islandesas*. (N. T. B.)

⁶ Por ter o Espírito Consolador prometido pelo Cristo, para os últimos tempos, a fim de esclarecer e completar o Cristianismo, pois muitas coisas não foram explicadas e outras muitas não ditas. O Espiritismo ou Neo-Espiritualismo é bem a base de todas as religiões, pois as suas manifestações se dão nos

países cristãos, budistas, maometanos ou de quaisquer outras doutrinas, filosofias ou religiões. (N. T. B.)

⁷ Efetivamente, o Didachê, primeiro catecismo cristão (tradução francesa de Paulo Sabatier, doutor em Teologia, Fischbacher, editor, Paris, 1885), nos mostra a primitiva igreja cristã muito diferente do que se imagina e do culto atual, como diz o Rev. Nielsson. (N. T. B.)

⁸ Os termos da Vulgata, tradução latina do grego, isto é, *spiritum bonum*, correspondem exatamente aos dos originais gregos. A Vulgata não fala, absolutamente, de Espírito Santo. O Espírito Santo, como terceira pessoa da Trindade, só apareceu no século II. (N. T. B.)

⁹ O autor se refere ao ano de 1921. O Rev. Vale Owen faleceu a 8 de março de 1931, com 61 anos de idade. (N. T. B.)

¹⁰ Essas mensagens formam, efetivamente, 4 volumes, dos quais o primeiro, traduzido pelo Dr. Carlos Imbassahy, foi publicado pela Livraria da Federação Espírita Brasileira. Os 4 volumes de *Life beyond the veil* (A vida além do véu) tem os seguintes títulos: *The Lowlands of Heaven; The Highlands of Heaven; The Ministry of Heaven* e *The Battalions of Heaven* (respectivamente: *Os Planos Inferiores do Céu, Os Altos Planos do Céu, O Ministério do Céu* e *Os Batalhões do Céu*).

¹¹ O Espiritismo é, ao mesmo tempo, uma ciência de observação e uma doutrina filosófica. Como ciência prática, ele consiste nas relações que se estabelecem entre nós e os espíritos; como filosofia, compreende todas as conseqüências morais que dimanam dessas relações. Podemos defini-lo assim: O Espiritismo é uma ciência que trata da natureza, origem e destino dos espíritos, de suas relações com o mundo corporal (Allan Kardec, *O que é o Espiritismo*, preâmbulo, págs. 6/7). (N. T. B.)

¹² Exemplos:

“Ainda que a sorte nos seja adversa, há uma vida na qual não há desgraças; ainda que os vermes destruam o nosso corpo, na carne veremos Deus. Não ficaremos para sempre no sepul-

cro.” – Exposição do Evangelho de N. S. Jesus Cristo segundo S. Lucas, do Rev. J. C. Ryle, pág. 614.

“Pois exatamente assim o nosso corpo glorioso será o nosso próprio corpo sob a lei da identidade, isto é, o corpo que tínhamos na ocasião da morte.” – *A Fé Cristã*, do Rev. Olin A. Curtis, pág. 500.

“Os condenados, porém, como os santos, devem ressuscitar no dia do juízo final, retomando para não mais deixar os mesmos corpos carnis que os revestiam na vida.” – *O Inferno*, de Augusto Callet. (N. T. B.)

¹³ Aconselhamos aos que nos lêem as duas magníficas monografias do Prof. Ernesto Bozzano, sobre o assunto: *Fenômenos Psíquicos no momento da Morte* e *A Crise da Morte*. (N. T. B.)

¹⁴ É o sono reparador, descrito pelo Prof. Ernesto Bozzano, em suas várias monografias. (N. T. B.)

¹⁵ Segundo Allan Kardec, *O Céu e o Inferno*, pág. 132, “os anjos são as almas dos homens chegados ao grau de perfeição que a criatura comporta, fruindo em sua plenitude a prometida felicidade. Antes, porém, de atingir o grau supremo, gozam da felicidade relativa ao seu adiantamento, felicidade que consiste, não na ociosidade, mas nas funções que a Deus apraz confiar-lhes e em cujo desempenho se sentem ditosos, tendo ainda nele um meio de progredirem”. (N. T. B.)

¹⁶ Segundo a Doutrina Espírita, ambos são almas de pessoas mortas, dando-se o nome de anjos a espíritos mensageiros, de grande grau de elevação espiritual. Anjos são puros espíritos que aparecem com a sua forma tão conhecida. (N. T. B.)

¹⁷ Bravo, Sr. Rev. Nielsson. (N. T. B.)